



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS**

Tailana Maria Tiepo Dariff

**DIÁRIO DE TRADUÇÃO:**  
**Uma experiência com a tradução de literatura infanto-juvenil para**  
**a Libras**

Florianópolis

2018

Tailana Maria Tiepo Dariff

## **DIÁRIO DE TRADUÇÃO:**

### **Uma experiência com a tradução de literatura infanto-juvenil para a Libras**

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a conclusão do curso de Graduação Bacharelado em Letras Língua Brasileira de Sinais - Libras.

**Professora Orientadora:** Dra. Neiva de Aquino Albres

Florianópolis

2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Maria Tiepo Dariff, Tailana

Diário de tradução: : uma experiência com a tradução de literatura infanto-juvenil para a Libras / Tailana Maria Tiepo Dariff ; orientador, Neiva de Aquino Albres, 2018. 81 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Letras LIBRAS, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Letras LIBRAS. 2. Tradução comentada. 3. Diário de tradução. 4. Texto multimodal. 5. Língua brasileira de sinais. I. de Aquino Albres, Neiva . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras LIBRAS. III. Título.

## **FOLHA DE APROVAÇÃO**

Autora: Tailana Maria Tiepo Dariff

Título: Diário de tradução: Uma experiência com a tradução de literatura infanto-juvenil para a Libras

Local: Florianópolis - UFSC

Data: 27 de junho de 2018

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Neiva de Aquino Albres  
Orientadora (UFSC)

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi aprovado pela professora orientadora para apresentação pública. O relatório da pesquisa foi aprovado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Letras – Língua Brasileira de Sinais, no Centro de Comunicação e Expressão, da Universidade Federal de Santa Catarina pela seguinte comissão julgadora.

### **COMISSÃO JULGADORA:**

---

Prof. Msc. Marcos Luchi  
Presidente da Banca – Sub-coordenador do curso (UFSC)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Janine Soares de Oliveira  
Membro (UFSC)

---

Prof<sup>ª</sup>. Msc. Juliana Tasca Lohn  
Membro (UFSC)

---

Prof<sup>ª</sup>. Esp. Germano Carlos Dutra Júnior  
Membro Suplente (UFSC)

*“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis”.*

*(José de Alencar)*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, primeiramente, a Deus por sempre me guiar, fortalecer, proteger e por possibilitar-me realizar esta conquista.

À minha mãe Lenir por ter sido sempre muito batalhadora, admirável, forte e uma inspiração para mim. Sou eternamente grata a tudo que fez e faz por mim. Por fazer o papel de mãe e pai a partir dos meus nove anos de idade. Por sempre acreditar em mim, me cuidar, me apoiar, me dar suporte e o principal: me amar.

Ao meu pai Sérgio (in memoriam) que durante nove anos cuidou-me, educou-me, protegeu-me, amou-me e que tenho tanto orgulho, amor e saudade. Sou grata a Ele por ter me dado um pai tão bom quanto você. Sei que onde estiver estará sempre junto a mim.

À minha orientadora Neiva de Aquino Albres por toda disponibilidade, apoio, dedicação, paciência e conhecimento transmitido.

Ao meu namorado Willian pelo incentivo, cuidado, compreensão, paciência e amor durante todo este período. Por se mostrar sempre disposto a me ajudar e me ver bem.

À minha amiga Francine que conheci ao longo destes anos e que sempre se mostrou muito verdadeira e companheira, como uma amizade deve ser.

Ao meu amigo Thiago que pude dividir muitos momentos e experiências. Por sempre me proporcionar bons risos e mostrar um lado mais leve de viver a vida.

DARIFF, Tailana Maria Tiepo. **Diário de tradução: Uma experiência com a tradução de literatura infanto-juvenil para a Libras**. Trabalho de conclusão de curso – TCC. 81 f. Letras Libras (bacharelado em tradução/interpretação). UFSC. Florianópolis – SC. 2018. Orientação: Neiva de Aquino Albres.

## RESUMO

O presente trabalho aborda os aspectos que estão relacionados ao processo de tradução de português para a Libras do livro infanto-juvenil “O homem que amava caixas” do autor Stephen Michael King. Delineamos como objetivo da pesquisa estudar aspectos da dinâmica do processo de tradução, registrando elementos envolvidos no momento de tomada de decisão do tradutor e levantar elementos advindos do conhecimento linguístico, discursivo e social para a tomada de decisão na tradução. As perguntas norteadoras da pesquisa foram: O diário de tradução é uma fonte de reflexão teórico-prática para o tradutor? Como o diário de tradução pode contribuir para o processo de tradução? Quais elementos devem ser estabelecidos no registro do diário de tradução de livro multimodal para Libras? Desta forma, essa pesquisa configura-se como qualitativa delineada como um estudo de caso. Tendo como base para o desenvolvimento da pesquisa autores como Albres (2012, 2014, 2015) que trata sobre a multimodalidade e questões acerca da tradução de materiais de literatura infanto-juvenil, Sobral (2008, 2010) que discorre acerca da singularidade de cada tradutor, Silva (2011) onde argumenta sobre o papel do tradutor na construção de sentido e Galindo (2005) que apresenta alguns elementos que devem ser levados em conta no momento da criação do diário de tradução. Os dados analisados durante a pesquisa foram desenvolvidos a partir de anotações do diário de tradução. Organizamos a análise em três categorias, 1) A pesquisa desenvolvida pelo tradutor no processo, 2) Multimodalidade e tradução, e 3) Experiências singulares do tradutor. Conclui-se que a produção do diário de tradução registrando todo o processo é de suma importância para tradutores e pesquisadores que se interessam por analisar a natureza do desenvolvimento da tradução. Experienciamos como o diário de tradução é um instrumento de reflexão teórico-prática para o tradutor, pois a possibilidade de refletir e retomar as informações sobre o processo proporcionam um amadurecimento. Este trabalho contribui também com o registro de itens específicos para diário de tradução de livro multimodal e de tradução intermodal (Português-Libras).

**Palavras-chave:** Tradução comentada; Diário de tradução; Texto multimodal, Língua brasileira de sinais.

## ABSTRACT

The present study copes with the aspects related to Portuguese – Brazilian Sign Language translation process, specifically the translation of *O homem que amava caixas* (in English, *The man who loved boxes*), a children's book written by Stephen Michael King. We defined as the objective of this research to study aspects involved in the dynamics of the translation process and record elements implied in the translator's decision taking. Also, we aimed at coming up with elements from the linguistic, discursive and social knowledge for the decision taking in translation. The research main questions were: Is the translation diary a theoretical-practical reflection source for the translator? What elements must be set in a translation diary record of a multimodal book translated to Brazilian Sign Language? So, this research is a qualitative one, more specifically a case study. Our base for this research development was authors like Albres (2012, 2014, 2015), who copes with multimodality and issues related to children's literature translation; Sobral (2008, 2010), who explains about the singularity of each translator; Silva (2011), who reasons the translator has a role in the meaning construction and Galindo (2005), who presents some elements that must be taken into account in the creation of a translation diary. The data analyzed throughout the research were based on the translation diary notes. We organized the analysis in three categories: 1) The research elaborated by the translator in the process; 2) Multimodality and translation and 3) The translator's singular experiences. We concluded that the translation diary production, what requires the recording of the whole process, is extremely important for translators and researchers interested in analyzing the nature of translation development. We experienced that the use of a translation diary as a theoretical-practical reflection tool for the translator is positive because of the possibility of reflecting and recapturing information about the process, which stimulates maturity. This study contributes with the record of specific items for translation diary of a multimodal book and intermodal translation (Portuguese – Brazilian Sign Language).

**Keywords:** Comentary translator Translation diary; Brazilian Sign Language; Multimodal texts.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Mapeamento da disciplina <i>Translation Studies</i> como sugestão de Holmes (1972-1988)	27
Figura 2	- Estudos da tradução no Brasil: desdobramentos a partir do mapeamento de Holmes (1972-1988)	29
Figura 3	- Capa do Livro	42
Figura 4	- Hora do Conto – Rapunzel (Libras) – TV UFG	47
Figura 5	- Histórias em Libras – Os três porquinhos – TV CES	47
Figura 6	- A menina que não gostava de ler em LIBRAS – Secretaria de Cultura da Bahia	47
Figura 7	- Chapeuzinho vermelho em Libras – INES	48
Figura 8	- (Stephen Michael King, 1997, páginas 26-27)	54

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1	- Anexos – Quadro 1	34
Tabela 2	- Comparação da Ilustração com a posição da tradutora	53
Tabela 3	- Comparação da Ilustração com a posição da tradutora	55
Tabela 4	- Comparação da Ilustração com a posição da tradutora	57

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

Auslan – Australian Sign Language

DTS – Descriptive Translation Studies

EI – Estudos da Interpretação

ET – Estudos da Tradução

Libras – Língua Brasileira de Sinais

NT – Notas Traduzidas

PPT – Power Point

RL-D – Referente Local Direito

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TF – Texto Fonte

TT – Texto Traduzido

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>1 A SINGULARIDADE DE CADA TRADUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
1.1 Introdução.....	17
1.2 Tradução um conceito em movimento.....	17
1.3 Paradigma Textual ou Linguístico.....	19
1.4 Paradigma Funcionalista.....	20
1.5 Paradigma Cultural e pós-estruturalista.....	22
1.6 Paradigma Dialógico.....	23
1.7 Conclusão do capítulo.....	25
<b>2 ESTUDOS DA TRADUÇÃO E SEUS MAPEAMENTOS.....</b>	<b>27</b>
2.1 Introdução.....	27
2.2 Contextualizando os Estudos da Tradução.....	27
2.3 Mapeamentos dos Estudos da Tradução.....	28
2.4 Tradução como processo e o tradutor como leitor.....	31
2.5 Diários de tradução.....	33
2.6 Uma visão geral sobre o uso de diário de tradução.....	35
2.7 Conclusão do capítulo.....	40
<b>3 A PESQUISA.....</b>	<b>41</b>
3.1 Introdução.....	41
3.2 Abordagem da pesquisa .....	41
3.3 Método de pesquisa .....	41
3.4 Objetivos da pesquisa.....	43
3.4.1 Objetivo Geral.....	43
3.4.2 Objetivos Específicos.....	43
3.5 Material da tradução.....	43
3.6 Construção de dados da pesquisa.....	44
3.6.1 Procedimentos de pesquisa.....	44
3.7 Procedimento de transcrição.....	45

3.8 Procedimento de Análise dos Dados.....	46
<b>4 DIÁRIO DE TRADUÇÃO EM ANÁLISE.....</b>	<b>47</b>
4.1 Introdução.....	47
4.2 A pesquisa.....	47
4.3 Multimodalidade e tradução.....	54
4.4 Experiências singulares do tradutor.....	58
4.5 Conclusão do capítulo.....	60
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>63</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>66</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>72</b>
Sistema de transcrição para a libras (FELIPE, 2005) .....	72
Livro “O homem que amava caixas) .....	74
Diário de tradução .....	80

## INTRODUÇÃO

O processo de tradução e aspectos subjetivos das escolhas dos tradutores em sua tarefa é algo pouco estudado. Desta forma, pretende-se apresentar uma proposta de registro do processo com o uso de diário de tradução com o intuito de possibilitar e orientar pesquisadores e tradutores.

O presente trabalho visa abordar questões acerca de anotações realizadas em um diário de tradução referente à tradução para a Libras do livro infanto-juvenil “O homem que amava caixas” do autor Stephen Michael King da editora Brinquebook. Contêm no diário anotações sobre o decorrer do processo de cada página do livro, desde pesquisas à consulta de pessoas sinalizantes da língua, dúvidas que surgiram, aspectos multimodais, estratégias entre outros elementos onde a tradutora busca trazer para este trabalho algumas questões mais relevantes a fim de discorrer de forma mais abrangente.

Tendo como base para o desenvolvimento mais aprofundado da pesquisa apresentamos autores como Albres (2012, 2014, 2015) que trata sobre a multimodalidade e questões acerca da tradução de materiais de literatura infanto-juvenil, Sobral (2008, 2010) que discorre acerca da singularidade de cada tradutor, Silva (2011) onde argumenta sobre o papel do tradutor na construção de sentido, Galindo (2005) que apresenta alguns elementos que devem ser levados em conta no momento da criação do diário de tradução.

O presente trabalho visa tratar sobre aspectos relacionados ao processo de tradução de um livro infanto-juvenil do português para a Libras (Língua Brasileira de Sinais). Desta forma, como objetivo da pesquisa, buscamos estudar aspectos da dinâmica do processo de tradução, registrando os elementos envolvidos no momento de tomada de decisão do tradutor. A pesquisadora objetiva levantar contribuições provenientes do conhecimento linguístico, discursivo e social para a tomada de decisão na tradução; discutir elementos que levam a tradutora a desenvolver a revisão do texto; analisar a natureza do processo de tradução que culmina como produto final (a tradução); contribuir com a área da tradução relatando sobre o processo da tradução e; construir indicações para a elaboração de um modelo de diário que envolva a língua de sinais e também textos multimodais. Com o intuito de responder as perguntas que nortearão o trabalho, são elas: O diário de tradução é uma fonte de reflexão teórico-prática para o tradutor? Como o diário de tradução pode contribuir para o processo de tradução? Quais elementos devem ser estabelecidos no registro do diário de tradução de livro multimodal para a Libras?

Subdividimos o capítulo inicial em cinco sessões que abordarão sobre: *Tradução um conceito em movimento* onde apresentamos uma noção do que é a tradução; o primeiro *Paradigma Textual ou Linguístico* trata sobre uma perspectiva teórica dos Estudos da Tradução onde compreende que o sentido do texto está no próprio texto, que independe da ação do sujeito tradutor; no segundo tópico trata-se do *Paradigma Funcionalista* onde a percepção que se tem sobre traduzir é algo que vai além do “passar o texto de uma língua para outra”, há a necessidade de perceber qual a função do texto; Já no terceiro paradigma nomeado de *Paradigma Cultural e pós-estruturalista* é o qual visa desconstruir a ideia de neutralidade e de fidelidade envolvendo aspectos culturais, ideológicos e econômicos que são de interesse dos estudos da tradução e, por último; *Paradigma Dialógico*, que é o que mais se assemelha com a presente pesquisa, onde a perspectiva que se tem é de que o tradutor trabalha, também, com discursos e não apenas com o texto, pois o sujeito carrega dentro de si sua marca ideológica, há suas particularidades que contribuem neste processo. Deste modo é essencial que o tradutor tenha a consciência sobre diferentes questões que envolvem a tradução e suas respectivas necessidades.

No segundo capítulo do trabalho, tratamos sobre o campo dos Estudos da Tradução (ET) e seus mapeamentos abordando tópicos como; *Contextualizando os Estudos da Tradução* onde a autora faz um breve panorama desde quando surgiram os estudos da tradução até os anos 2000; no segundo tópico *Mapeamentos dos Estudos da Tradução* a autora aborda sobre James Holmes que foi um dos precursores dos ETs e apresenta dois modelos de mapeamentos que contém informações para a formação de tradutores; no terceiro tópico *Tradução como processo e o tradutor como leitor* a autora discorre sobre questões que envolvem o sujeito tradutor no papel de leitor, afirmando que o tradutor tem a capacidade de construir sentidos a partir de informações que, por vezes, estão implícitas, compreendendo elementos que vão além de palavras contidas no texto; o quarto tópico nomeado de *Diários de tradução* a autora argumenta sobre a importância desta ferramenta de registro de processo, onde é possível armazenar informações sobre o processo de tradução, possibilitando assim a tradutora retomar suas anotações a fim de comparar, refletir e aprimorar suas escolhas tradutórias e; o quinto tópico denominado de *Uma visão geral sobre o uso de diário de tradução* a autora apresenta algumas formas/segmentos que o diário de tradução pode ser utilizado, como o ensino de literatura, registro do processo, instrumento metodológico em pesquisas e formação de tradutores para ensino de tradutores e também para fins pedagógicos.

Acredita-se ser o terceiro capítulo, fundamental de nosso trabalho, através da *pesquisa* realizada onde contém tópicos que tratam sobre; a *Abordagem da pesquisa* sendo ela qualitativa uma vez que esta explicará as tomadas de decisão sobre o decorrer do processo de tradução, de natureza aplicada tendo em vista apresentar uma descrição sobre as escolhas e anotações provenientes do diário de tradução. Obtendo-se então uma pesquisa descritiva-analítica; no seguinte tópico *Método de pesquisa* a autora apresenta as perguntas norteadoras do trabalho afirmando utilizar a metodologia de pesquisa descritivo-analítica de estudo de caso onde discorre brevemente acerca deste conceito; posterior a este tópico contém os *objetivos da pesquisa* onde a autora apresenta o *objetivo geral* e os *objetivos específicos* da pesquisa; outro tópico que compõe o capítulo é referente ao *material da tradução* onde a autora apresenta os critérios para seleção do material; o seguinte tópico intitulado de *construção dos dados da pesquisa* refere-se aos *procedimentos de pesquisa* que a autora utilizou, apresentando o passo a passo da pesquisa; já no tópico seguinte a autora discorre sobre o *procedimento de transcrição* que é um método de registro bastante utilizado por tradutores da área para a realização de traduções; e o último tópico que finaliza o terceiro capítulo diz respeito ao procedimento da análise dos dados onde a autora apresenta três categorias que serão tratadas no próximo capítulo.

Por fim, o quarto capítulo da pesquisa, onde encontra-se a análise propriamente dita, nomeado de *diário de tradução em análise* a autora discorre acerca de três linhas de pesquisa como sendo; *a pesquisa* onde contém informações referente a pesquisas on-line e com sinalizantes surdos e ouvintes; *multimodalidade e tradução* onde a autora apresenta a relação entre a tradução do livro infanto-juvenil com aspectos multimodais encontrados e; *experiências singulares do tradutor* argumentando sobre suas vivências que (e como) contribuem para a construção da tradução.



## 1. A SINGULARIDADE DE CADA TRADUÇÃO

### 1.1 Introdução

Neste capítulo, apresentaremos um pouco sobre o que é a tradução. Para tanto, apresentamos a problematização de autores como Guerini e Costa (2006), Zipser & Polchlopek (2008) e Sobral (2008) sobre o conceito de tradução. Na segunda parte do capítulo, passamos a apresentação da visão sobre o conceito de tradução em diferentes correntes dos Estudos da tradução, como: Paradigma Textual ou linguístico; Paradigma Funcionalista; Paradigma Cultural e pós-estruturalista e; Paradigma Dialógico.

Tendo em vista que cada tradutor possui suas particularidades e especificidades, a tradução propriamente dita nunca será igual de um indivíduo para outro. Assim, abordaremos acerca de possíveis formas de entender o que é o termo e/ou o ato de traduzir de acordo com diferentes autores.

### 1.2 Tradução um conceito em movimento

A palavra “traduzir”, etimologicamente derivada do latim como “*traducere*”, conforme consta no dicionário on-line *Dicio* apresenta alguns sinônimos. Além da ideia de “transferir” ou “passar um texto de uma língua para outra” existem outras maneiras de representar a palavra “traduzir” como “transcrever, trasladar, manifestar, exprimir, reproduzir e interpretar”. Contudo, traduzir, exprime de forma ampla como sendo a “transferência linguística entre códigos ou, inclusive, dentro de códigos” (GUERINI; COSTA, 2006, p. 2).

Segundo Souza (1998 p. 51), “o próprio termo *tradução* é polissêmico e pode significar (a) o produto (ou seja, o texto traduzido; (b) o processo do ato tradutório; (c) o ofício (a atividade de traduzir); ou (d) a disciplina (o estudo interdisciplinar e/ou autônomo)”. A maneira como é conceituada a tradução varia do modo em que cada teórico defende, pela grande diversidade das definições de *traduzir*.

De acordo com Zipser & Polchlopek, (2008, p. 17), o termo tradução “[...] é o ‘ato ou efeito de traduzir’ e traduzir vem do verbo latino *traducere*, que significa ‘conduzir ou fazer passar de um lado para outro’, isto é, traduzir significa passar de uma língua para outra um texto escrito na primeira delas.” Porém, o ato de traduzir não é tão simples quanto parece. Como Paganine (2006) discorre:

Sabe-se que o ato de traduzir não é, de forma alguma, uma simples transposição de palavras de uma língua à outra. Não traduzimos apenas palavras, mas também significados e referências entre culturas diversas. A tradução, portanto, não é uma atividade puramente técnica e objetiva. (PAGANINE, 2006, p. 2)

Sobral (2008) aborda sobre a fidelidade na tradução afirmando que “a meu ver, a fidelidade só é possível justamente criando-se um texto diverso, mas não totalmente diferente, ou não se estaria traduzindo, mas copiando ou repetindo o texto dito original – o que aí sim é impossível”. (SOBRAL, 2008, p. 119).

Para a tradução de um texto, por exemplo, o tradutor precisa construir sentido sobre o texto e, também, seu contexto, utilizando de adaptações, preocupando-se com o público-alvo em que a tradução se destina. Sendo assim, podemos afirmar que traduzir é sempre dizer o mesmo, porém, em outras palavras. (SOBRAL, 2008).

A seguir apresentaremos uma noção do que é o termo “tradução” levantando breves informações acerca de autores da área dos estudos da tradução.

Há uma questão sobre a qual muitos divergem desde muito antigamente sobre dois conceitos de tradução, a *literal* e a *livre*. A tradução literal associa-se como sendo *fidel*, *neutra* e *objetiva*, já a tradução livre tem foco no sentido da mensagem considerando ser *infidel*, *parcial* e *subjetiva* (SOUZA, 1998).

Esta questão, mais especificamente, vem desde os antigos romanos. Por exemplo, na Roma Clássica, Cícero (55 a.C) que foi um dos precursores acerca do assunto, optava pela tradução do sentido (livre) e não pela tradução palavra-por-palavra (literal) (BARBOSA, 2004).

São Jerônimo (348 d.C), mais tarde no Império Romano cristianizado, foi o responsável por realizar a tradução completa da Bíblia para o latim, mostrando “preferência pela tradução do sentido, opondo-se, desta maneira, à tendência dominante de seu tempo de se fazer tradução literal de obras sagradas por respeito à “Palavra de Deus” Delisle & Woodsworth (1995, p. 168 apud Souza 1998, p 52). Caso algum texto sagrado fosse traduzido utilizando da tradução do sentido (livre), o tradutor poderia ser condenado pela Inquisição<sup>1</sup>, sendo interpretado como “infidel”.

Para Peter Newmark (1988), defensor da tradução literal afirma que ela “é correta e não deve ser evitada, uma vez que assegure a equivalência referencial e pragmática em

---

<sup>1</sup> Esforço empreendido pela Igreja Católica no sentido de identificar e punir os hereges, as pessoas que professavam crenças diferentes dos ensinamentos da Igreja. Fonte: < <https://www.dicio.com.br/inquisicao/>>

relação ao original” (SOUZA, 1998, apud NEWMARK, 1988 p. 69). Do lado oposto há Vázquez-Ayora (1977) (apud SOUZA, 1998, p. 52) que discorda desta visão e defende que “pretende libertar a tradução do literalismo milenar”. Estes são dois entre diversos outros teóricos que divergem entre seus princípios e definições acerca da tradução literal e tradução livre.

Ao traduzir um texto, é necessário que o tradutor construa sentido sobre o texto e seu contexto, utilizando-se de adaptações se assim necessitar, preocupando-se com o público-alvo que a obra é destinada. De acordo com Sobral:

Em certo sentido, toda ação simbólica, e o uso da linguagem é um exemplo disso, pode ser entendido como uma espécie de tradução. E essa tradução pode envolver mais de um sistema de produção de sentidos, ou sistema semiótico, como por exemplo, textos e imagens, sinais etc. (SOBRAL, 2008, p. 31).

Existe a possibilidade de a tradução ocorrer entre duas línguas da mesma modalidade, ou seja, entre duas línguas orais, como do Português para o Alemão ou entre duas línguas sinalizadas, isto é, da Libras (Língua Brasileira de Sinais) para Auslan (Língua de sinais Australiana) e assim por diante.

A seguir apresentaremos algumas correntes teóricas e suas perspectivas sobre tradução.

### **1.3 Paradigma Textual ou Linguístico**

O paradigma textual, também conhecido como paradigma linguístico da tradução teve seu início na década de 1940 com autores como Catford e Nida permanecendo fortemente como corrente de estudo até os anos de 1960.

Acerca do paradigma textual, autores como Silva (2011) afirmam que para essa perspectiva teórica dos Estudos da Tradução compreende que o sentido do texto está no próprio texto, que o sentido independe da ação do sujeito tradutor. Onde analisa-se o texto fonte e o texto alvo obtendo-se uma equivalência entre ambos. Silva (2011) apresenta diferentes autores que discorrem sobre o ato de traduzir e defendem que a tradução significa, basicamente, transportar o texto de uma língua para outra. Nesta perspectiva desconsidera-se o sujeito tradutor, é como se ele realizasse uma “atividade mecânica”. Como se o tradutor fosse neutro, fiel ao texto fonte, um sujeito que apenas transita de uma língua para outra.

Tyler (1971) foi um dos precursores dessa concepção a fazer com que a visão da tradução como transparente, neutra e fiel ganhasse força. Tyler (1971 apud Silva 2011) estabeleceu algumas regras para que houvesse uma boa tradução. São elas:

- (1) A tradução deve prover uma reprodução, em sua totalidade, das ideias da obra original.
- (2) O estilo e modo de escrita da tradução devem ter a mesma natureza do original.
- (3) A tradução deve ter toda a fluência do original. (TYLER 2006, p. 190, apud SILVA, 2011 p. 31).

Desta forma, neste paradigma, estudiosos da área tem esta perspectiva mais “linguística” onde acreditam que o sujeito tradutor não deve interferir no texto, mas sim, mantê-lo o mais original possível. Como afirma Silva (2011):

[...] o objetivo principal do tradutor deveria ser ficar o mais “fiel” ao original em sua totalidade e ficar “invisível” no texto traduzido, pois o objetivo fundamental de qualquer tradução seria a “reprodução” do “original” em outro código. (BOHUNOVSKY, 2001, apud SILVA, 2011, p. 32).

Na próxima seção, apresentamos outra perspectiva dos estudos da tradução em que o texto por si não tem tanto peso, denominado de paradigma funcionalista.

#### **1.4 Paradigma Funcionalista**

Surgido na Alemanha, nos anos 70, o funcionalismo tem por objetivo analisar a “tradução enquanto ação, interação comunicativa, ou seja, uma atividade que detém um propósito baseado em um texto de origem e destinado a um leitor final” (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2008 p. 59). Ganhando ampla visibilidade entre os anos de 70 a 90, o funcionalismo tem como pioneiros os seguintes estudiosos: Katharina Reiss que discorre sobre “tipologia textual”, Hans Vermeer que trata sobre “skopos” e Christiane Nord que passa a ser também um nome representativo acerca desta abordagem. Conforme Zipser; Polchlopek (2008):

A Alemanha do pós-guerra foi pioneira nos estudos relativos a teorias e prática de tradução, além de ter sido um dos primeiros países a institucionalizar o treinamento de tradutores. Nesse sentido, ocorre um rompimento com a formalidade dos estudos linguísticos predominantes nas décadas de 70 e 80 e se fortalece, conseqüentemente, a abordagem do texto a partir de uma perspectiva mais comunicativa, maleável e dependente do contexto. (ZIPSER; POLCHLOPEK, 2008, p. 59-60).

Por se tratar de situações comunicativas orais e concretas, uma das questões cruciais para os funcionalistas é analisar como os usuários da língua comunicavam-se com eficiência, isto é, considera-se a linguagem como um instrumento de interação social, com a intenção de estabelecer uma comunicação entre os usuários de uma determinada língua.

O modelo funcionalista sobre análise textual, de Christiane Nord, é um conjunto das ideias dos funcionalistas Hans J. Vermeer e Katharina Reiss, que se destina à formação de tradutores e visa, também, à aplicação no processo tradutório. Nord propõe um modelo funcionalista que envolve fatores extratextuais e intratextuais “de modo que todas as características situacionais à produção do texto de partida, assim como todas as características do texto em si sejam devidamente mapeadas e inter-relacionadas” (LEAL, 2006 p. 1).

Com o funcionalismo há uma mudança bastante significativa que soma para os estudos da tradução e diz respeito ao processo de produção textual e também à noção de texto. Para Costa; Polchlopek; Zipser (2012):

Segundo Nord (1991, 1997), Reiss e Vermeer (1996) o processo de tradução passa a ser guiado por um propósito, designado por Vermeer através da palavra grega *skopos* e é esse propósito que, uma vez estabelecido, deve ser alcançado na cultura alvo, por meio de uma série de questões que o tradutor passa a gerenciar no processo de produção textual e sempre tendo o leitor final como foco. Nesse sentido, o que importa não é a equivalência ou a fidelidade ao texto-fonte, mas se a tradução conseguiu cumprir ou não as necessidades do seu iniciador, isto é, quem solicitou a tradução (autor, tradutor ou outra pessoa que não tenha necessariamente escrito o texto), de maneira apropriada ao seu leitor e contexto final. Dessa maneira, a tradução passa a existir como texto independente na cultura de chegada. (COSTA; POLCHLOPEK; ZIPSER, 2012, p. 26).

Neste paradigma dos estudos da tradução, a percepção que se tem sobre traduzir é algo a mais do que simplesmente passar o texto de uma língua para outra, é necessário perceber qual a função do texto. Se é um texto de uma bula médica, se é uma receita, um texto informativo, jornalístico etc. Cada tipo de texto tem uma estrutura linguística diferente, logo o tradutor precisa estar ciente disso em sua tradução. Além do mais, é necessário que o tradutor reflita sobre qual a função deste texto, se é para crianças, adultos, contexto televisivo entre outros.

Conforme Pereira e Pontes (2016, p. 2129) a teoria funcionalista “busca se desprender do puramente linguístico para incluir aspectos contextuais, culturais e interacionais na tradução. Nessa teoria, não se traduzem palavras, mas funções comunicativas”. Então, o paradigma

funcionalista visa ampliar a percepção que se tem em comparação ao paradigma anterior que tem o foco voltado para a abordagem textual ou linguística.

### **1.5 Paradigma Cultural e pós-estruturalista**

No paradigma cultural e pós-estruturalista estudiosos seguem uma fundamentação ou visão de mundo a partir da filosofia. Este paradigma visa desconstruir a ideia de neutralidade e fidelidade. Estudiosos da área procuram mostrar aspectos relacionados ao sujeito e as culturas envolvidas. Na perspectiva cultural objetiva-se discutir acerca, por exemplo, do quanto uma língua se sobrepõe a outra, porque quando traduz se traduz mais do inglês para o Brasil, por exemplo. Trata sobre questões culturais, questões de poder. De acordo com Baker (1999):

Os estudos culturais estão sendo atualmente propostos por alguns estudiosos como um novo paradigma capaz de examinar o fenômeno tradutório com mais propriedade do que se fez sob a influência da linguística. [...] A razão pela qual essa nova abordagem vem sendo apresentada como uma alternativa aos modelos derivados da linguística – considerados insuficientes mesmo quando incorporam adequadamente o conceito de cultura em suas análises – é que os estudos culturais não se preocupam apenas em priorizar as questões culturais propriamente ditas. (BAKER, 1999, p. 15-16).

Desta forma, como mencionado, este paradigma aborda questões sobre que tipo de livro é culturalmente mais valorizado, por exemplo. Esta abordagem proporciona vantagens à formação do sujeito tradutor porque “a sua maior virtude é ampliar os horizontes dos tradutores, incentivando-os a considerar outros fatores além da tarefa imediata de verter um texto de um idioma para outro” (Baker 1999, p. 29).

Não é de surpreender o fato de estudiosos de pequenos países, com um número não significativo de habitantes falando uma determinada língua, terem-se ocupado de pesquisas no campo de tradução. Essas áreas geográficas dependem desses textos para sua sobrevivência comercial, política e cultural. A tradução pode até ser relegada a uma posição secundária em países com grande população monolíngue, mas não no caso da Bélgica, por exemplo, que, com uma população de aproximadamente dez milhões de habitantes, conta com três línguas oficiais: o francês, o alemão e o neerlandês. (AGUIAR, 2000, p. 26).

Conforme afirma Aguiar (2000), podemos perceber que existe uma “distinção” entre diferentes tipos de cultura sobre a visibilidade da tradução. Como citado pela autora, alguns países necessitam das traduções para se manterem e por conta disso, aquela determinada

cultura, pelo fato da demanda ser grande e a área muito explorada, considera-se que é uma cultura com mais “referência”.

Nessa perspectiva, aspectos culturais, ideológicos, econômicos são de interesse dos estudos e da tradução que ocorre nesses contextos.

## 1.6 Paradigma Dialógico

No presente paradigma a perspectiva que se tem é de que o tradutor não trabalha apenas com o texto, mas sim com discursos e o tradutor como sujeito humano carrega consigo uma marca ideológica, questões particulares que contribuem neste processo. Quando se lê um texto, na verdade, o sujeito está dialogando com este texto, ele pensa, tem sua palavra. Quando o texto está traduzido, esta versão final não é só “transpor de uma língua para outra”, ele carrega as escolhas do tradutor, ele passa pela concepção de mundo, pela subjetividade desse tradutor. Então, nesta perspectiva não existe neutralidade, não existe fidelidade ao texto. O que acontece é um processo mental, cognitivo e também afetivo que envolve corpo e alma do tradutor. Conforme Souza (1998):

[...] o sentido de um texto não está nem totalmente no autor, nem totalmente no texto, nem totalmente no leitor. É o resultado de uma negociação entre todas as partes envolvidas. Inversamente, podemos afirmar que o sentido de um texto está parcialmente: no autor, no texto (enquanto objeto linguístico), no leitor e no contexto situacional. E o sentido de um texto traduzido não pode fugir a esta regra. (SOUZA, 1998, p. 57).

O ato de traduzir requer, não somente, o domínio da língua de partida ou o conhecimento da cultura daquele país, mas, também, se faz necessário que o sujeito tradutor atue como um intermediador entre o que foi dito e o que se pretende dizer. Como conceito básico sobre o que é tradução, sabe-se que muitos estudiosos definem como “o processo de transpor uma mensagem de uma língua para outra língua”. No entanto, deve-se levar em conta que, de acordo com Sobral *et al.* (2010), o tradutor precisa estar ciente que:

[...] a tradução não deve ser feita apenas pela correspondência lexical entre os idiomas. É necessário que o sentido da mensagem seja preservado e a intenção do autor seja respeitada, entendendo-se “mensagem” no sentido de uma intencionalidade de sentido e não de conteúdo. (SOBRAL *et al.*, 2010, p. 02).

Deste modo, percebe-se que o tradutor precisa ter a consciência sobre diferentes questões que envolvem uma tradução e suas respectivas necessidades. Por exemplo, uma piada, uma metáfora etc. são alguns elementos que necessitam ser pensados e muito bem elaborados para que a mensagem faça sentido na língua de chegada. Além disso, outro fator muito importante diz respeito à qual público a tradução é destinada, tendo em vista que, para cada público, faz-se necessário refletir sobre diferentes estratégias e elementos que possam contribuir para tal. Assim, assegurando aos interlocutores estarem a par do que foi dito. Conforme Cruz (2008, p. 207) afirma “[...] é fundamental observar “quem diz o quê a quem, onde e como”, para que se possa pensar em sentido”.

Essa pesquisa será desenvolvida a partir da perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem (Teoria Bakhtiniana), a atividade dialógica da tradução considerando na tradução em Libras aspectos multimodais.

O discurso é uma unidade arquitetônica de produção de sentido que é parte das práticas simbólicas de sujeitos concretos e articulada dialogicamente às suas condições de produção, o que envolve seu vínculo constitutivo com outros discursos (SOBRAL, 2009, p.176).

Mais precisamente acerca de estudos sobre tradução de literatura infanto-juvenil e língua de sinais, pode-se embasar em Albres (2014, p. 1154) quando expõe que o tradutor “desenvolve uma atividade mental, relaciona-a com suas experiências, seu repertório e compreende, para então, construir um novo discurso na língua de destino”. Desta forma, fica claro que o tradutor exerce diferentes funções no processo da produção de uma tradução. Albres (2012, p. 2), comenta sobre este papel do tradutor e discorre que “ele constrói sentidos próprios sobre o discurso e o produz em outra língua, sendo neste momento um novo enunciador carregado por sua subjetividade e historicidade”. A autora afirma ainda que “toda tradução é uma recriação e que os diversos resultados são de ordem ideológica e subjetiva fazendo uso das condições linguísticas que a própria língua proporciona ao tradutor” (ALBRES, 2012, p. 7). Contudo, observa-se que este paradigma aborda aspectos mais abrangentes ao tradutor, dando mais visibilidade ao que a função requer do sujeito e desta forma interferindo na tradução.

Em relação à literatura infanto-juvenil em língua de sinais, é necessário que haja o entendimento de que se trata de uma tradução de material multimodal<sup>2</sup> (livro com texto e ilustrações) para uma língua de modalidade gestual-visual e, portanto, os aspectos linguísticos

---

<sup>2</sup> Material multimodal é a representação da escrita interligada com as imagens.



desta língua devem ser levados em consideração. Desta maneira, Hughes (apud ALBRES, 2014, p. 2) discorre sobre alguns elementos e/ou funções que devem ser observados em livros onde contém ilustrações, tais como:

ler imagens do entorno; 2. ler imagens de livros ilustrados; 3. Usar imagens visuais como apoio para leitura de texto simples; 4. ler sinais, símbolos e figuras no ambiente escolar com o objetivo de promover a alfabetização; 5. criar imagens visuais significativas para registrar compreensão de tarefas; 6. usar figuras em textos de não ficção como apoio da aprendizagem de conteúdo escolar; 7. usar figuras em textos de ficção como apoio para aprendizagem de conteúdo escolar; e, finalmente 8. ler a página - diferentes maneiras de apresentar o texto e as figuras (HUGHES, 1998 *apud* ALBRES, 2014, p. 2).

Como visto a leitura dos elementos multimodais da obra tornam uma compreensão muito mais ampla do que apenas a leitura do texto, pois existem informações nas ilustrações que precisam ser observadas e que, também, auxiliam no entendimento, não apenas do que é dito, mas do que “se quer dizer”.

Um livro de literatura infanto-juvenil está situado historicamente, tem um autor e sua tradução será produzida com um objetivo e voltado para um público específico. O autor tinha uma intenção comunicativa e a tradução tem um propósito. Nessa perspectiva, o material de trabalho do tradutor não é o texto, mas sim discursos. Para o autor, “[...] o discurso é uma unidade de produção de sentido que é parte das práticas simbólicas de sujeitos concretos e articulada dialogicamente às suas condições sócio-históricas de produção, bem como vinculada constitutivamente (isto é, em sua constituição) com outros discursos” (SOBRAL, 2008, p.58-59).

Dialogicamente, a tradução “conversa” com a obra na língua de partida, vive a partir dela e a mantém viva por existir.

## **1.7 Conclusão do capítulo**

Como mencionado anteriormente o conceito de tradução não carrega uma definição concreta. O que muitos pensam a respeito deste termo é que, de forma genérica, significa “passar de uma língua para outra”, porém diversas são as expressões utilizadas por teóricos dos ETs ao longo da história sobre o verbo *traduzir*. Conforme apresenta Umberto Eco (2007, p. 9 *apud* Silva, 1998, p. 17):

O que é traduzir? A primeira e consoladora resposta gostaria de ser: dizer a *mesma* coisa em outra língua. Só que, em primeiro lugar, temos muitos problemas para estabelecer o que significa “dizer a mesma coisa” e não sabemos bem o que isso significa por causa daquelas operações que chamamos de paráfrase, definição, explicação, reformulação, para não falar das supostas substituições sinonímicas. Em segundo lugar, porque, diante de um texto a ser traduzido, não sabemos também o que é a coisa. E, enfim, em certos casos é duvidoso até mesmo o que quer dizer. (UMBERTO ECO 2007, p. 9 *apud* SILVA 1998 p. 17).

Outra questão que envolve a tradução é a noção de equivalência. Trata-se de um tema bastante discutido que por alguns é defendido e por outros rejeitado. A equivalência acontece nos procedimentos tradutórios quando a mensagem não faz sentido na língua alvo e o tradutor elege uma estratégia de texto capaz de explicar a mensagem com um discurso equivalente. Segundo Barbosa (2004):

A equivalência consiste em substituir um segmento de texto da LO [língua de origem] por outro segmento da LT [língua traduzida], que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente (BARBOSA, 2004, p. 67).

James Holmes foi um dos pioneiros da fase inicial na área dos estudos da tradução e ele desconsiderava que houvesse equivalência na tradução, conforme Aguiar (2000) “ele alterou a natureza do referente. Sustentou que a tradução não se refere ao mesmo objeto do mundo real que o texto-fonte, mas a uma formulação linguística: trata-se de signos que remetem a outros signos” (2000, p. 27). Holmes sugeriu a proposta de um mapeamento sobre a natureza dos ETs como veremos mais adiante, podendo assim auxiliar pesquisadores da área. Já Souza (1998) explica que:

Em suma, não existe equivalência total entre as línguas no nível da forma, mas existe equivalência no nível do conteúdo comunicativo. Em outras palavras, cada língua é um sistema *sui generis*<sup>3</sup>, um código próprio, com suas próprias formas e regras, mas é também, ao mesmo tempo, um sistema de comunicação, o que torna possível a tradução. (SOUZA 1998, p. 53 nota de rodapé da autora).

Dentre estes fatos que a tradução envolve como equivalência, questões de fidelidade e infidelidade como mencionado anteriormente, definição do termo e tantos outros fatores vale-nos refletir acerca do que já diziam alguns autores. Voltaire (*apud* Souza, 1998 p. 53) alertava leitores de suas obras traduzidas “lembrai-vos, sempre, quando virdes uma tradução, que

---

<sup>3</sup> Que é singular, autêntico, único, especial. <<https://www.dicionarioinformal.com.br/sinonimos/sui+generis/>>

vedes uma fraca estampa de um belo quadro”. Outro autor como “Manuel Bandeira que, embora tenha traduzido poesia praticamente toda a sua vida, não hesitou em afirmar, mais de uma vez, ser ela, em essência, intraduzível” (SOUZA, 1998, p. 53). Diante destas afirmações, fica claro que há uma certa contradição entre o que é dito e o que é posto em prática.

Uma vez apresentada a noção sobre as correntes dos estudos da tradução que foram desenvolvidas historicamente, podemos passar para o próximo capítulo que trata sobre os estudos da tradução apresentando informações aos mapeamentos como também sobre diários de tradução ou formas de registrar os processos de tradução e como os sujeitos são envolvidos.

## **2. ESTUDOS DA TRADUÇÃO E SEUS MAPEAMENTOS**

### **2.1 Introdução**

Para dar início a este tema dos mapeamentos faz-se necessário apresentarmos algumas informações mais detalhadas sobre a consolidação do campo disciplinar Estudos da Tradução. Desta forma, traremos nomes como Snell-Hornby (1995, 2006), Holmes (1972), Pagano e Vasconcellos (2003), Souza (1998) que discorrem acerca dos Estudos da Tradução (ETs).

No presente capítulo abordaremos questões que contextualizam os Estudos da Tradução, questões sobre mapeamentos dos estudos da tradução, tradução como processo e o tradutor como leitor, estudos sobre o processo de tradução, diários de tradução e formação de tradutores a fim de apontar a opção teórico-metodológica que assumimos neste trabalho.

### **2.2 Contextualizando Os Estudos Da Tradução**

Conforme os estudos foram avançando estudiosos foram aprofundando suas pesquisas e conseqüentemente contribuindo para a área dos Estudos da Tradução (ETs). Desta forma, com o surgimento dos ETs, conforme Snell-Hornby (1995) estudiosos como Jakobson e Paepcke foram alguns nomes principais do campo dos ETs e com o passar do tempo esta área foi pensada como proposta de um campo disciplinar. Envolve, também, o pragmatismo da abordagem linguística e discorre sobre James Holmes que foi precursor criando o primeiro mapeamento dos ETs.

Por sua vez, nos anos de 1980 houve uma transformação, onde predomina-se uma abordagem mais cultural e social. Trata-se de temas voltados para os estudos de tradução descritiva, sobre a teoria de skopos e sua abordagem funcional, apresenta o modelo de ação translatorial entre outros (SNELL-HORNBY, 2006).

Na década de 1990 os ETs foram sendo incorporados por diferentes áreas, por exemplo, a filosofia envolvia estudos da tradução, a psicologia estudava a tradução, a antropologia, a área de administração estudava tradução entre diversas outras áreas. Contudo muitas áreas convergentes iniciam os estudos de tradução e por este motivo este campo é chamado de interdisciplinar. Neste campo aspectos como normas, questões éticas, tradução e comunicação não verbal, multimodalidade, estudos de corpus, e assim por diante são tratados. Ainda nos anos de 1990 trata questões acerca de vários campos que estudam diversas áreas de

pesquisa sobre a tradução, e por isso chamado de interdisciplinar, por este motivo é interessante apresentar o mapeamento de Holmes e Pagano e Vasconcellos que mais adiante iremos tratar. Ainda neste capítulo a autora trata de estudos empíricos referentes a novos campos de estudos sobre interpretação, estudos empíricos em tradução, a tecnologia e o sujeito tradutor, tradução e publicidade, etc. (SNELL-HORNBY, 2006)

Snell-Hornby (2006) indica que nos anos 2000 novos paradigmas surgem, pontos de vista diferentes nascem. O que ocorre é uma mudança de ênfase nos estudos da tradução que passaram a congregar estudos não focados no texto (foco linguístico), mas passam a voltar a atenção para aspectos extralinguísticos, envolvendo questões mais amplas do contexto, da história, da política editorial, da cultura. O que Bassnett (2003) sintetiza com a seguinte metáfora:

A língua (...) é o coração do corpo da cultura, e é a interação entre os dois que resulta na continuação da energia-vida (life-energy). Do mesmo modo que o cirurgião, ao operar o coração, não pode negligenciar o corpo que o circunda, o tradutor correrá risco se tratar o texto isoladamente da cultura. (BASSNETT, 2003, p. 36).

### **2.3 Mapeamentos dos Estudos da tradução**

James Holmes, em 1972 no Setor de Tradução do Terceiro Congresso de Linguística Aplicada em Copenhagen, apresentou uma proposta de mapeamento que tinha como intuito dar início e nomear esta pesquisa como área dos “Estudos da Tradução”. A seguir apresentaremos dois exemplos de mapeamentos dos ETs que contém informações de suma importância para a formação de tradutores que são utilizados até hoje proporcionando-nos um arcabouço sólido para a organização das atividades acadêmicas na área (Pagano e Vasconcellos 2003, p. 14).

Vários tipos de mapeamentos nos estudos de tradução podem ser acessados no texto de Pagano e Vasconcellos (2003):

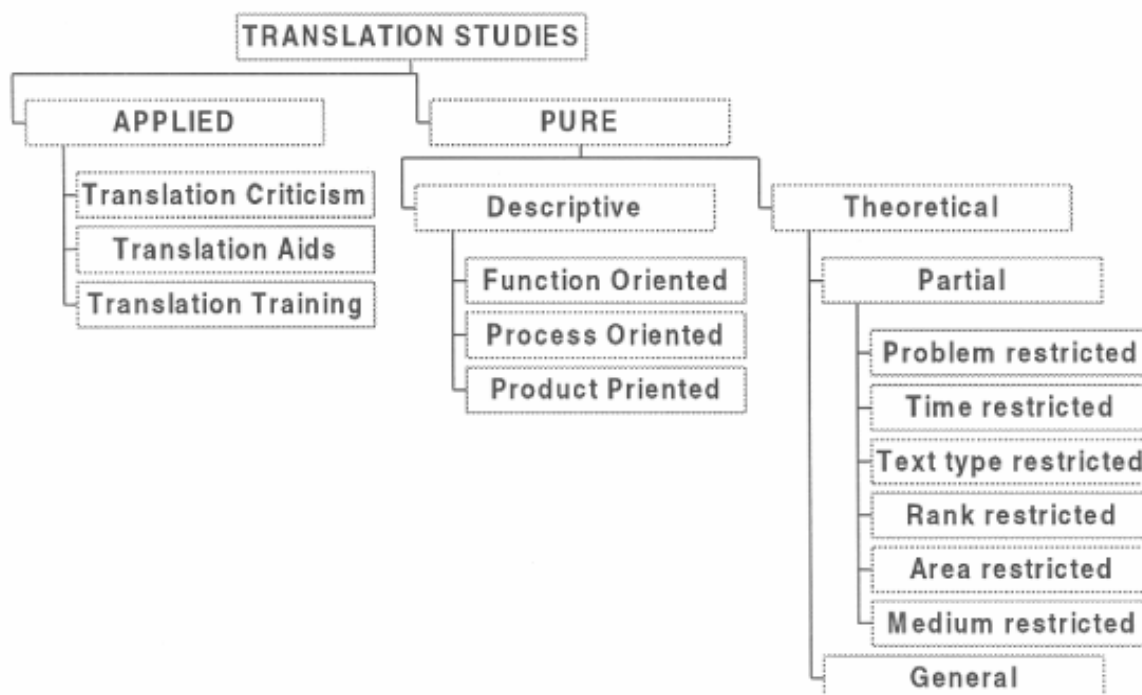


Figura 1: Mapeamento da disciplina *Translation Studies* como sugestão de Holmes (1972, 1988)  
 Fonte: PAGANO E VASCONCELLOS (2003, p. 14).

Dentro dos ETs Holmes pensa que existe os “*estudos Aplicados* (voltados para a prática) e os *estudos Puros* (ou seja, estudos teóricos e descritivos feitos sem preocupação com uma aplicação prática e direta)” (PAGANO E VASCONCELLOS, 2003, p. 14) e dentro dos estudos descritivos alguns estão orientados para o processo e no caso do diário de tradução (proposta deste trabalho) visa uma tentativa de registro do processo. Os tipos de estudos são detalhados por Zipser e Polchlopek (2008):

No que diz respeito ao ramo das **pesquisas ‘aplicadas’** em tradução, Holmes propõe uma subdivisão em três itens:

1. *Treinamento de tradutores* – métodos de ensino, avaliação de tradução;
2. *Recursos acessórios de tradução* – dicionários, gramáticas, informações, tecnologias;
3. *Crítica de tradução* – avaliação de traduções, revisões críticas.

A área considerada ‘Pura’ subdivide-se em:

1. *Teorias descritivas* - a descrição do fenômeno da tradução, e
2. *Teoria da tradução* - o estabelecimento de princípios gerais para explicar e prever tal fenômeno.

Já em relação à **análise descritiva** (DTS<sup>4</sup>) da tradução, a segunda ramificação dos estudos considerados ‘puros’ reúne três focos principais: *estudo do produto, da função e do processo*.

1. *Orientada ao produto* – estuda as traduções existentes envolvendo a descrição ou análise de um único par de TF e TT ou faz uma análise comparativa de muitas traduções feitas a partir de um mesmo TF;

<sup>4</sup> *Descriptive Translation Studies*

2. *Orientada à função* – descreve a função das traduções na situação de receptor sociocultural. Estuda contextos em vez de textos. Provavelmente essas traduções seriam chamadas hoje de traduções orientadas aos estudos culturais;

3. *Orientada ao processo* - trata da psicologia da tradução, a tentativa de descobrir o que ocorre na mente do tradutor durante a realização do seu trabalho.

A área relacionada à *Teoria da Tradução*, na ramificação considerada por Holmes como sendo ‘Pura’, subdivide-se em:

1. *Geral* - artigos que visam descrever ou considerar todo tipo de tradução e fazer generalizações relevantes para a tradução como um todo, e

2. *Parcial* - restrita aos parâmetros apontados acima.

Dessa ramificação tida como *Parcial* Holmes aponta para os seguintes tópicos de estudo:

1. *Teorias restritas ao meio* – traduções feitas por pessoas ou máquinas;

2. *Teorias restritas à área* – traduções de línguas específicas ou grupos de línguas e culturas;

3. *Teorias restritas ao nível* – teorias linguísticas restritas a um nível específico da palavra ou frase;

4. *Teorias restritas ao tipo de texto* – traduções de tipos discursivos ou gêneros: literária, de negócios, técnica etc.;

5. *Teorias restritas ao tempo* – teorias e traduções limitadas de acordo com a moldura específica de um tempo ou período;

6. *Teorias restritas ao problema* – problemas específicos da tradução como a questão da equivalência. (ZIPSER e POLCHLOPEK, 2008, p. 29-31).

O presente estudo que Holmes apresenta está focado mais no produto e no indivíduo que realiza a tradução, pelo fato de existir um sujeito por trás do texto traduzido. Desta forma, há a necessidade de um olhar mais detalhado sobre como isso se caracteriza/ocorre. Observa-se que Holmes propôs este modelo como tentativa de apresentar diferentes possibilidades de pesquisas e estudos que envolvem o campo da tradução chamando atenção de outros pesquisadores com interesse nesta área.

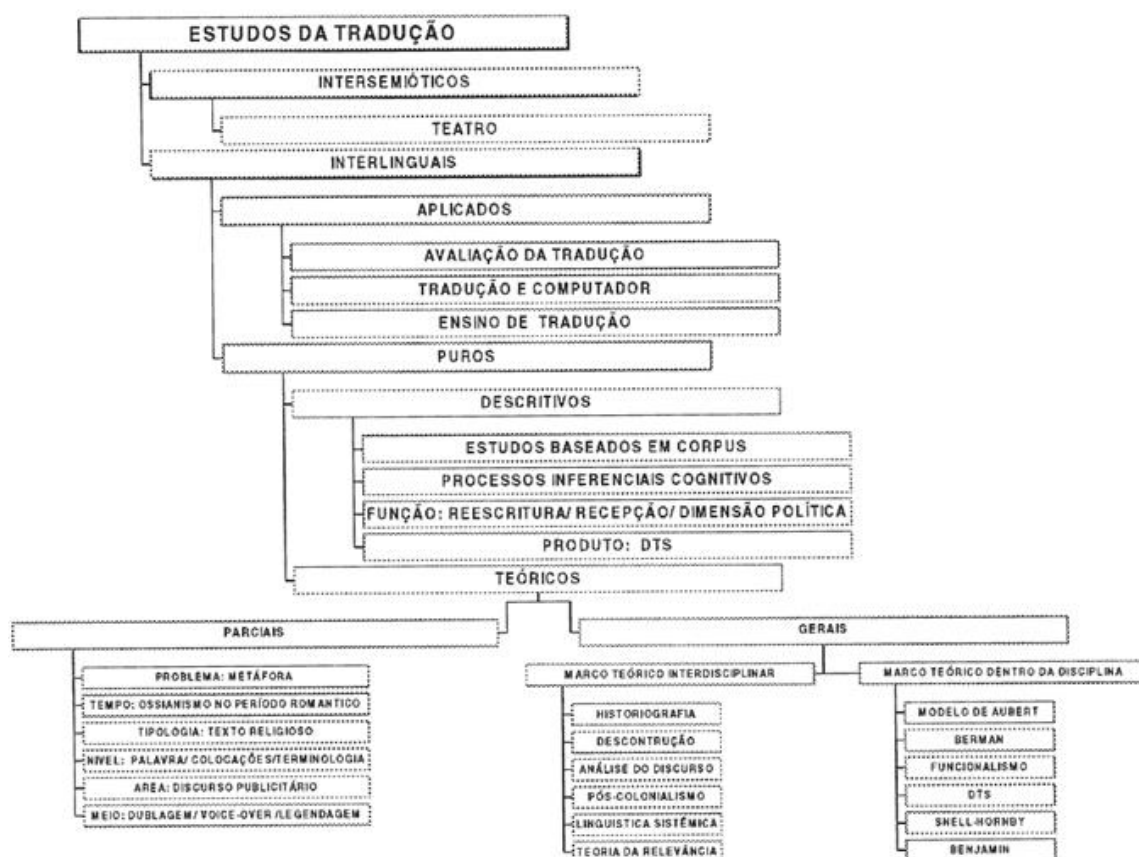


Figura 2: Estudos da tradução no Brasil: desdobramentos a partir do mapeamento de Holmes (1972, 1988)

Fonte: PAGANO e VASCONCELLOS (2003, p. 15).

Pagano e Vasconcellos (2003) apontam que na categoria de estudos descritivos estão os estudos que baseiam-se em corpus, os estudos dos processos inferenciais cognitivos e os estudos relacionados a função (e escritura/recepção/dimensão política). Neste trabalho de TCC, interessa-nos problematizar o processo de tradução utilizando-se de um diário de tradução.

## 2.4 Tradução como processo e o tradutor como leitor

Estudos descritivos, orientados para o processo “trata da psicologia da tradução, a tentativa de descobrir o que ocorre na mente do tradutor durante a realização do seu trabalho” (ZIPSER e POLCHLOPEK 2008, p. 29). Trataremos neste tópico questões acerca do sujeito tradutor no papel de leitor. Levando em conta que isso demanda dele um processamento cognitivo, pois como sua área de atuação requer esta atividade pode-se dizer que ele tem uma



visão mais detalhada sobre o texto lido. O tradutor constrói sentidos a partir de informações que, muitas vezes, não estão explícitas. Compreende conceitos que vão além das palavras postas nos textos. Consegue identificar marcas daquela cultura, de forma que isso implica no momento em que o sujeito irá realizar sua tradução, conforme Silva (2011, p. 12) sugere que “existe a voz do tradutor no texto traduzido”.

É fundamental para o sujeito tradutor “desenvolver uma série de capacidades e habilidades, de cunho teórico e prático” (SOBRAL, 2008, p. 93) para sua área de atuação. O tradutor precisa estar em constante contato com a(s) cultura(s) que envolvem sua função para que esteja sempre atualizando-se e buscando aprimorar seu desempenho como tradutor. Sobral (2008) discorre acerca do conhecimento que o tradutor deve buscar e afirma:

Em primeiro lugar, o tradutor deve ter o máximo de conhecimento das possibilidades expressivas de sua língua [...]. Inclui-se aqui o conhecimento das funções dos elementos de que trata a gramática e de que tratam os estudos de textos, de discursos, de gêneros etc. e a familiaridade com os vários modos de expressão que circulam na sociedade, incluindo as especificidades dos vários tipos de leitores e dos vários tipos de textos: jornalísticos, acadêmicos, “mundanos<sup>5</sup>” etc. (SOBRAL, 2008, p. 94).

Sabe-se que a prática de leitura é essencial para o crescimento pessoal e também social, de forma que possibilita-nos desfrutar de novas informações, visões de mundo, nos permite refletir acerca de inúmeros temas. Ainda de acordo com Sobral (2008):

Também é vital para o tradutor, na qualidade de profissional da linguagem, o conhecimento de textos em geral, desde avisos na rua a literatura mais culta, passando por jornais e revistas. Deve ele ter o hábito da leitura, de muitos e variados textos, e estar a par do conhecimento de terminologias específicas das áreas a que queira dedicar-se. (Ibid, 2008, p. 95).

Na tentativa de registrar o processo de tradução, Alves (2001) em conjunto com outros pesquisadores desenvolveu a “triangulação” no processo de pesquisa, defende a aplicação conjunta de diferentes métodos advindos das ciências sociais, como protocolos verbais, retrospectiva, questionários e entrevistas dirigidas, captura de vídeo, julgamentos de especialistas e uso de softwares para registro das alterações produzidas nos textos escritos traduzidos.

A técnica de triangulação apresenta-se, pois, como uma alternativa metodológica para pesquisas empíricoexperimentais em tradução que

---

<sup>5</sup> Relativo ao mundo; diz-se da vida considerada contrária à espiritualidade, que privilegia os prazeres materiais. Fonte: < <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/mundano>>

almejam explicitar e descrever com objetividade as características processuais do processo de tradução sem, porém, desprezar sua natureza subjetiva. Procura-se, desta forma, identificar convergências e divergências nas análises de natureza quantitativa e qualitativa e, através do cruzamento dos dados obtidos por intermédio de abordagens metodológicas múltiplas, chegar a resultados mais confiáveis, mais generalizáveis e, por conseguinte, com maiores condições de contribuir para elucidar questões cruciais para os Estudos da Tradução. (ALVES, 2001, p. 72)

Como indicado nos mapeamentos, a abordagem conhecida como *Descriptive Translation Studies* — DTS (Estudos Descritivos da Tradução) envolve a investigação da influência da cultura na tradução, sua dinâmica, sua história, os processos cognitivos, subjetivos e afetivos responsáveis pela construção de sentido e produção da tradução como produto, como também as estratégias, os objetivos e aspectos contextuais que os geram. Uma das formas de registrar esse processo se dá pelo uso de protocolos verbais, pelo estudo das notas dos tradutores, ou pela produção de diário de tradução. Diante do escasso tempo, vamos nos aprofundar nos estudos sobre o diário de tradução. Na sessão seguinte, apresentaremos o conceito.

## 2.5 Diários de tradução

Entende-se por diário de tradução como uma ferramenta de registro de processo. Acredita-se que esta é uma boa opção para armazenamento de informações sobre o processo de tradução, tendo em vista que o sujeito tradutor irá inserir todas suas dúvidas, ideias, críticas, escolhas, estratégias entre outros sobre o material (a ser) traduzido. Desta forma, tendo a possibilidade de, futuramente, retomar as suas anotações e, até mesmo, comparar, refletir e aprimorar suas escolhas. É possível ainda registrar e tomar consciência de aspectos da dinâmica do processo de tradução, observando a natureza dos elementos que interagem no momento da tomada de decisão do tradutor e na reestruturação que o texto traduzido sofre por diferentes visões e complementações. Torres (2014) explica que:

imagino que o objetivo de um diário de tradução seja que o aluno reflita sobre seu trabalho, avaliando detalhadamente seu processo de tradução, observando os comentários do professor e colegas, analisando a qualidade da sua tradução, destacando pontos fortes e fracos, desafios e maneiras de usá-los para melhorar. Deste modo, o aluno-tradutor-aprendiz poderá apoiar seu julgamento em exemplos concretos e demonstrar uma avaliação de qualidade e ponderações cuidadosas. (TORRES, 2014, p. 298).

Vale apresentar os conceitos entre tradução **comentada** e tradução **anotada** a fim de percebermos o que as distingue. Segundo Soto (2017):

Os conceitos analíticos podem ser usados por tradutores para a tomada de decisão sobre a anotação de traduções, sempre e quando a estratégia tradutória traçada não descarte por princípio as N.T.<sup>6</sup> [...] Penso que na produção de traduções anotadas interessa mais lançar mão do conhecimento acumulado sobre N.T. com a finalidade de definir critérios de anotação, o que é essencialmente diferente do intuito crítico perseguido pelo método de análise. (SOTO 2017, p. 24).

Entende-se por tradução anotada, conforme Soto (2017):

Como forma de limitar a tradução anotada ao escopo da tese, não foi escrito para a tradução um prefácio ou posfácio, ainda que, como afirma Genette, exista uma continuidade entre o prefácio e as notas, sendo o prefácio uma espécie de nota aposta ao conjunto do texto, e não a um segmento particular dele. (SOTO 2017, p. 27-28).

[...]

Mittmann não considera a pesquisa das notas um fim em si mesmo, ou uma pesquisa sobre a tradução anotada, e sim, mais exatamente, um meio para identificar e compreender, através dos sinais presentes no discurso do autor nas N.T., situações enfrentadas pelo tradutor durante o processo. (SOTO 2017, p. 67)

Já o conceito de tradução comentada envolvem os seguintes aspectos, afirma Zavaglia, Renard e Janczur (2015):

uma das propriedades da tradução comentada em contexto acadêmico reside no registro do percurso tradutório do estudante, que deixa transparecer, por seus comentários de tipos diversos, suas dúvidas, suas escolhas iniciais, suas escolhas finais, seus embasamentos teóricos para os gestos cognitivos ou intuitivos, as justificativas das estratégias tomadas e os procedimentos fundamentais que colaboraram para a sua realização. Do mesmo modo, a forma de uma tradução comentada seria aquela em que o tradutor apresenta o contexto da obra e do autor, justifica sua importância – o que determina frequentemente a sua função –, fundamenta seus procedimentos tradutórios, selecionando alguns trechos mais significativos, e, com base nesses exemplos, discute as estratégias de tradução utilizadas. Mais que isso, a função da tradução comentada seria, primeiramente, pedagógica, pela qual o estudante, ao registrar um processo primordialmente analítico, questiona constantemente suas próprias decisões, mergulha no texto original enquanto leitor-tradutor, tenta entender as dificuldades interpretativas da obra em tradução, sejam elas referentes à morfologia, à sintaxe, à semântica, à pragmática e a todos os aspectos históricos, culturais, sociais, econômicos (ZAVAGLIA, RENARD, JANCZUR, 2015, p. 349)

---

<sup>6</sup> Notas Traduzidas

Dessa forma, o diário de tradução está relacionado ao registro do processo para o próprio tradutor. A Tradução comentada e as notas de tradução teriam como destinatário o leitor da tradução. Dado uma noção do que é o diário de tradução, a seguir iremos apresentar algumas formas de uso de diário de tradução.

## 2.6 Uma visão geral sobre o uso de diário de tradução

O Diário de tradução pode ser usado para o **ensino de literatura** como aponta Olher (2013). Este autor desenvolve sua pesquisa em uma perspectiva discursivo-desconstrucionista e problematiza em contextos acadêmicos específicos as concepções de tradução na literatura.

Assim justifica sua prática, quanto ao uso diário de tradução para ensinar literatura, porque entende que traduzir é, também, uma forma de reescrever um texto seja ele no papel, como texto comumente dito, ou como uma forma de reinscrevê-lo no contexto literário e de ensino. (OLHER, 2013, p. 265).

O Diário de tradução também é usado para **registro do processo** pelos tradutores. No processo de tradução, a experiência com o diário se deu com o texto de partida em inglês, uma primeira versão da tradução em português, uma segunda versão em português, ou seja, duas traduções e os comentários do tradutor sobre suas escolhas sendo desenvolvido como um diário. Apresentamos a seguir um exemplo de diário de tradução de narrativa extraída dos livros *The Madman* e *The Wanderer* do escritor libanês Khalil Gibran.

Original – Inglês	Versão 1 – Português	Versão 2 – Português	Comentários
<p>HOW I BECAME A MADMAN You ask me how I became a madman. It happened thus: One day, long before many gods were born, I woke from a deep sleep and found all my masks were stolen, –the seven masks I have fashioned and worn in seven lives, – I ran <b>maskless</b> through the crowded streets <b>shouting</b>, “Thieves, thieves, the cursed thieves.” Men and women laughed at me and some ran to their houses in fear of me. And when I reached the</p>	<p>COMO ME TORNEI LOUCO Perguntam-me como me tornei louco. Aconteceu assim: Um dia, muito antes de muitos deuses terem nascido, acordei de um sono profundo e percebi que minhas máscaras haviam sido roubadas, - as sete máscaras que eu havia confeccionado e usado por sete vidas - corri sem máscara pelas ruas cheias de gente gritando: - Ladrões, ladrões, malditos ladrões! Homens e mulheres riram de mim e alguns correram para suas casas com medo de mim. Quando cheguei à praça do mercado, um menino em cima</p>	<p>COMO ME TORNEI UM LOUCO Vocês perguntam como me tornei um louco. Aconteceu assim: Um dia, muito antes de muitos deuses terem nascido, despertei de um sono profundo e descobri que todas as minhas máscaras haviam sido roubadas, –as sete máscaras que eu havia confeccionado e usado em sete vidas, –corri sem máscara pelas ruas cheias de gente gritando: “Ladrões, ladrões, os malditos ladrões”. Homens e mulheres riram de mim e alguns correram para suas casas com medo de</p>	<p>COMO ME TORNEI UM LOUCO Suprimi o “eu” do título, pois já fica subtendido na conjugação do verbo. Além disso, o verbo tornar pede a partícula – se, que é “puxada” pelo “como”. Adicionei o “um” que eu havia suprimido na primeira versão de tradução por questão de tornar menos estranho o texto. “maskless” em inglês ficou como “sem máscara”, pois apesar de existir “desmascarado” em português e ser só uma palavra também, tem significado diferente. Find – geralmente usado como</p>

<p><b>market place.</b> a youth standing on a house-top <b>cried</b>, “He is a madman.” I looked up to behold him; the sun kissed my own naked face for the first time. For the first time the sun kissed my own naked face and my soul was inflamed with love for the sun, and I wanted my masks no more. And as if in a trance I cried, “Blessed, blessed are the thieves who stole my masks.” Thus I became a madman. And I have found both freedom of loneliness and the safety from being understood, for those who understand us enslave something in us. But let me not be too proud of my safety. Even a Thief in a jail is safe from another thief.</p>	<p>de uma casa gritou: - Ele é um louco! Olhei para cima para vê-lo; o sol beijou minha face nua pela primeira vez. Pela primeira vez o sol beijou minha face nua e minha alma se inflamou de amor pelo sol. E eu não desejei mais minhas máscaras. E, como num transe, gritei: - Benditos, benditos os ladrões que roubaram minhas máscaras! Assim me tornei louco. E encontrei tanto liberdade da solidão quanto segurança por não/de ser compreendido, pois aqueles que nos compreendem escravizam algo em nós. Mas permita-me não ser tão orgulhoso da minha segurança... Até mesmo um Ladrão na cadeia está a salvo de outro ladrão.</p>	<p>mim. E quando cheguei à praça do mercado, um jovem no telhado de uma casa bradou: “Ele é um louco”. Olhei para cima para enxergá-lo; o sol beijou minha própria face nua pela primeira vez. Pela primeira vez o sol beijou minha própria face nua e minha alma inflamou-se com amor pelo sol, e eu não quis mais minhas máscaras. E como em um transe bradei: “Benditos, benditos são os ladrões que roubaram minhas máscaras”. Assim me tornei um louco. E encontrei ambas a liberdade da solidão e a segurança de não ser compreendido, pois aqueles que nos compreendem escravizam algo em nós. Mas permita-me não ser tão orgulhoso de minha segurança. Até mesmo um Ladrão em uma cadeia está a salvo de outro ladrão.</p>	<p>“encontrar”, mas nesse caso ele nem encontra as máscaras. (Merriam Webster - <a href="http://www.merriam-webster.com/dictionary/find">http://www.merriam-webster.com/dictionary/find</a>) Own – dá ênfase de que algo pertence ou foi feito por alguém, não costumamos usar da mesma forma que foi feito no original, mas mantive para respeitar a letra de Gibran. Geralmente usamos “de amor” ex: morri de amor. No caso, para ficar mais parecido com o original usei “inflamou com amor pelo sol”. “from” e não “of” por isso passa o sentido de não ser compreendido. Usei primeiro <i>shout</i> e depois <i>cry</i>, por isso usei gritar e depois berrar. Quis manter a inversão da frase e seu ritmo, mas não foi possível em português.</p>
--	---	--	---

Tabela 1: ANEXOS - QUADRO 1 – p. 45  
Fonte: Anjos (2016, p. 45).

Nesse trabalho, Anjos (2016, p. 6) conclui a partir da análise das traduções e do diário do tradutor que “houve ocorrência de tendências deformadoras descritas por Antoine Berman em seu livro *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*, tais como a racionalização, a clarificação e o alongamento”. Assim, o diário de tradução pode ser material de reflexão e análise sobre o processo.

O diário de tradução pode ser utilizado como **instrumento metodológico em pesquisas** que se interessem por compreender o processo de construção de uma tradução. A seguir apresentaremos as instruções para participantes de pesquisa de como deveriam proceder na produção do diário de tradução a fim de registrar todo o processo.

### **Elaboração do Diário do Tradutor**

Gostaríamos que o tradutor escrevesse no diário como se realmente estivesse falando consigo mesmo, registrando todas as suas dúvidas, impressões, decisões, o porquê das decisões. A minuciosidade nos detalhes pode ser muito importante para podermos chegar a resultados satisfatórios na pesquisa. Qualquer dado relacionado com o processo de leitura e entendimento do texto original e de como essas ideias são revertidas para a outra língua será do interesse da pesquisa, por pequeno ou insignificante que pareça. Por este motivo queremos que o tradutor registre no seu diário os seguintes dados:

- Datas e horários em que começou e terminou o trabalho de tradução.

- Intervalos (se teve alguma parada para descanso ou quaisquer outros motivos de interrupção).
- Ponto e retomada da tradução (se foi diretamente à última palavra traduzida ou se fez alguma leitura a partir de um ponto anterior, indicando neste caso o ponto).
- Quaisquer mudanças efetuadas numa palavra ou fragmento já traduzido e o(s) motivo(s) que levou (levaram) a essa mudança (consulta ao dicionário, consulta a alguma outra pessoa, alguma palavra ou frase que foi lembrada depois e que se adapta melhor à situação). No caso de alguma palavra não ter sido traduzida, seja por dúvida sobre a sua tradução mais adequada ou por não ter entendido o seu significado e/ou valor contextual, indicar como e quando foi feita a posterior tradução.
- Condições em que é feito o trabalho (com o original na tela do computador, com o original impresso no papel, à mão, traduzindo texto sobre texto, traduzindo texto ao lado do texto na tela do computador, etc).
- Qualquer tipo de conferência que seja feita do texto traduzido com o texto original, indicando o momento em que ela é feita e se foi feita alguma mudança como consequência dela.

#### **Elaboração das versões sequencias**

Como já foi dito, o tradutor deverá guardar todas as versões que fizer da obra que está traduzindo. Se optar pelo trabalho no computador, o tradutor deverá salvar sempre a última versão antes de fazer qualquer mudança no texto já traduzido, isto é, deverá salvar antes a nova versão do texto com um número sequencial ao último gravado e não em cima do arquivo anterior. O trabalho será retomado sempre a partir da última versão.

#### **Ferramentas**

No caso de ser usada alguma fonte de consulta, o tradutor deverá indicá-la no diário e comentar as impressões sobre o resultado da pesquisa, indicando, por exemplo, se a explicação achada é considerada favorável ou não, se é adequada ao contexto do conto, e qual seria nesse caso a solução dada para a tradução.

Por se tratar de um conto no qual é usada uma grande quantidade de gíria e léxico regional, será possível consultar também o autor do projeto, de preferência através do e-mail, de forma a deixar registro de qual foi a dúvida e da resposta.

#### **Finalização do trabalho**

No final do trabalho o autor entregará ao pesquisador os seguintes materiais:

- O texto traduzido;
- O diário do tradutor;
- As versões sequencias da tradução.

(GALINDO, 2005, p.111-114)

O Diário de tradução também pode ser usado para **formação de tradutores**, para **ensino de tradutores** e para **fins pedagógicos**, como exercício de reflexão sobre a prática de tradução. Como aponta Berman (2007):

[...] Não se trata aqui de teoria de nenhuma espécie. Mas sim de reflexão [...]. Quero situar-me inteiramente fora do quadro conceitual fornecido pela dupla teoria/prática, e substituir esta dupla pela da experiência e da reflexão. A relação entre a experiência e a reflexão não é aquela da prática e da teoria.

A tradução é uma experiência que pode se abrir e se (re)encontrar na reflexão. (BERMAN, 2007, p.18, grifos do autor).

Oliveira (2014, p.10), ao produzir um diário de tradução indica que “cada exemplo prático aqui registrado evidencia o papel da reflexão da tradução, cuja experiência vinculada ao ato tradutório, pode aprimorar a formação de tradutores”. A autora seguiu os seguintes passos:

- 1º Leitura do texto proposto para tradução e realização deste trabalho;
  - 2º Primeira tradução do texto escolhido (estranhamento e reconhecimento do Outro);
  - 3º Leitura e análise da tradução, e levantamento das dificuldades encontradas;
  - 4º Proposição do projeto de tradução;
  - 5º Retorno a tradução e realização de uma segunda proposta;
  - 6º Proposição de quadros baseados na oralidade encontrada no texto e na tradução;
  - 7º Realização, em paralelo à realização da segunda tradução, do diário de tradução, como ferramenta para observar o estranhamento.
- (OLIVEIRA, 2014, p.10)

Para a autora, ao seguir esses passos no processo de tradução e ao registrar comentários pertinentes ao ato tradutório e às estratégias escolhidas para cada caso específico, é possível fazer um confronto analítico e comparativo do texto original e da respectiva tradução, refletir sobre as “estratégias adotadas no processo individual de tradução, bem como os destaques estruturais e de linguagem observados entre o texto de partida e o texto de chegada” (Ibid., 2014, p.10).

Para fins pedagógicos, como Rossi (2014) examina diários de tradução. Afirma ser uma boa ferramenta para refletir sobre o processo de tradução. A partir de um estudo de caso e do uso do método de análise comparativa, a autora indica as competências necessárias que um tradutor com a língua para a qual traduz e, principalmente, com sua língua materna.

Como aluna do curso de bacharelado em Letras Libras da UFSC, tive a oportunidade de participar de aulas em que se fez uso de diário de tradução, como a disciplina curricular do curso nomeada “Fundamentos da tradução e da interpretação” no ano de 2014.2 onde, em conjunto da professora Neiva de Aquino Albres (minha orientadora neste TCC) e demais colegas (surdos e ouvintes), realizou-se a tradução coletiva do livro “Patrícia”, também do autor Stephen Michael King. Primeiramente, foi proposto a dinâmica da tradução em que foi montado um cenário com fundo verde, iluminação etc. na frente da sala e os demais colegas

ficavam sentados observando e/ou auxiliando na construção da tradução do colega que estava à frente, sendo que cada aluno deveria fazer anotações referentes as escolhas traduzidas.

Posteriormente, já no ano de 2015.2, outra atividade de tradução foi proposta utilizando o diário de tradução na disciplina optativa “Introdução à tradução de literatura infanto-juvenil”, também ministrada pela professora Neiva de Aquino Albres em que desenvolvemos um diário de todo o processo do livro “Pedro e Tina” do mesmo autor. Foram realizadas algumas leituras da obra e as páginas divididas para cada aluno, durante todo o semestre os alunos ficaram encarregados de estudar, praticar, analisar, compartilhar etc. suas escolhas. Após a gravação final foi proposto aos alunos que fosse realizado um artigo contendo uma análise da tradução, podendo escolher a parte do livro que gostaria de abordar, seja da sua própria ou de outro colega tendo em vista que todos trabalharam de forma conjunta nas aulas. Desta forma, diversos foram os elementos analisados tais como: multimodalidade, espaços mentais, descrição e demonstração, mudança de voz dos personagens, entre outros. Contudo, considero que estas experiências auxiliaram-me para este trabalho de forma que pude ter contato com esta “ferramenta” de registro tendo a possibilidade de aprender como utilizá-la e percebendo sua importância como forma de retomar as escolhas iniciais feitas e, também, perceber a evolução da tradução.

Com a evolução da tecnologia nos dias de hoje, inúmeras são as possibilidades de criação de materiais voltados para o público infanto-juvenil. Atualmente a sociedade não está mais tão concentrada apenas em materiais impressos, consequência do fácil acesso a materiais on-line que nos são proporcionados. Albres (2015) afirma que:

Atualmente, a literatura infanto-juvenil vem assumindo configurações específicas nos diversos meios em que se materializa, os quais oferecem às crianças e aos jovens leitores surdos diferenciados modos de interação com o material literário, agregando, geralmente, o vídeo em língua de sinais sobreposto à imagem do livro (ALBRES, 2015, p. 389).

Desta forma isso possibilita a ampliação da área de produção de materiais bilíngues voltados à alunos surdos, haja vista que, aos poucos, é uma área que vem sendo bastante explorada. A autora comenta ainda que “traduções de literatura infanto-juvenil para línguas de sinais requerem mais ainda o uso de interfaces tridimensionais e digitais que contribuam para a leitura da expressão em sinais por meio de vídeo” (ALBRES, 2015, p. 389).

Para Albres e Nascimento (2014) no ensino de tradução é preciso contemplar “a dimensão discursiva da linguagem, isto é, seu uso concreto, possibilitando aos aprendizes uma



reflexão sobre os processos de construção de sentidos a partir das situações concretas de enunciação” (ALBRES; NASCIMENTO, 2014, p. 226).

A ideia de levar o tradutor em formação a desenvolver estratégias de tradução está imbuída do espírito de conscientizá-lo da complexidade do processo tradutório e da necessidade de monitorar suas ações e examinar com cuidado as decisões tomadas ao longo do processo tradutório. A conscientização deste tradutor envolve um redimensionamento do conceito de aprender, o qual passa a demandar que o aprendiz se torne diretamente responsável pelo seu próprio processo de aprendizagem. Em outras palavras, espera-se que o aprendiz se torne autônomo para escolher o caminho mais adequado, para selecionar e gerenciar as ações que melhor respondam a seus interesses e necessidades e para buscar formas de apreensão e utilização de conhecimentos que sejam mais apropriadas ao seu estilo individual de aprendizagem. (ALVES; MAGALHÃES; PAGANO, 2007, p. 7).

## **2.7 Conclusão do capítulo**

Neste capítulo apresentamos alguns mapeamentos dos Estudos de Tradução, indicando que as novas formas de pesquisa apresentam um conceito integrado baseado na teoria e na prática da tradução. Apontamos o mapeamento como uma contribuição para o desenvolvimento de estudos de tradução como uma disciplina em seu próprio direito. Demos destaque aos estudos descritivos voltados para o processo, principalmente os que fazem uso de diário de tradução. Na última sessão do capítulo compilamos alguns trabalhos que indicam o diário de tradução como um instrumento metodológico, como instrumento de ensino de literatura e ensino de tradução.

### **3. A PESQUISA**

#### **3.1 Introdução**

Neste capítulo, apresentaremos a metodologia de pesquisa desenvolvida. Desenvolveremos a pesquisa com base em um diário de tradução. Inicialmente, apresentaremos a abordagem de pesquisa, o método, com os passos para a produção da tradução e o registro do diário de tradução. Ao final, apresentaremos o livro traduzido, a metodologia usada e o tratamento dos dados.

#### **3.2 Abordagem da pesquisa**

Esta pesquisa está inscrita em abordagem qualitativa. A abordagem qualitativa é compreendida como que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito. Identifica e analisa dados não mensuráveis numericamente, como sentimentos, sensações, percepções, intenções. Não utiliza recursos estatísticos (MENEZES; SILVA 2005, p. 20), uma vez que esta explicará as devidas tomadas de decisões sobre o decorrer do processo de tradução juntamente com as devidas anotações realizadas no diário de tradução. Obtendo-se neste trabalho uma abordagem de natureza aplicada, pois, objetiva-se apresentar uma descrição sobre as escolhas de tradução e anotações provenientes do diário de tradução. Sendo assim teremos uma pesquisa descritiva-analítica, baseando-se no livro infantil “O homem que amava caixas”. Fundamentados em autores como Albres (2012, 2015), Sobral (2008 - 2009).

#### **3.3 Método de pesquisa**

Com o intuito de responder as perguntas: O diário de tradução é uma fonte de reflexão teórico-prática para o tradutor? Como o diário de tradução pode contribuir para o processo de tradução? Quais elementos devem ser estabelecidos no registro do diário de tradução de livro multimodal para Libras? Optamos por utilizar a metodologia de pesquisa descritivo-analítica de Estudo de caso.

O estudo de caso é considerado uma modalidade de pesquisa que “consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento” (GIL, 2002, p. 54). O intuito do estudo de caso objetiva-se em realizar pesquisas sobre experimentos, levantamentos, pesquisas históricas etc.

Freitas e Jabbour (2011) fazem uma boa revisão do conceito de estudo de caso:

O propósito de um estudo de caso é reunir informações detalhadas e sistemáticas sobre um fenômeno (PATTON, 2002). É um procedimento metodológico que enfatiza entendimentos contextuais, sem esquecer-se da representatividade (LLEWELLYN; NORTHCOTT, 2007), centrando-se na compreensão da dinâmica do contexto real (EISENHARDT, 1989) e envolvendo-se num estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que se permita o seu amplo e detalhado conhecimento (GIL, 2002). (FREITAS; JABBOUR, 2011, p. 10).

O estudo de caso é apenas uma das muitas formas de se fazer pesquisa, inclusive em estudos da tradução ou estudos da interpretação. Estudar um caso em específico é válido e importante, mas deve se pensar nos procedimentos de coleta dos dados e nas formas de analisá-los

Cada estratégia apresenta vantagens e desvantagens próprias, dependendo basicamente de três condições: a) o tipo de questão da pesquisa; b) o controle que o pesquisador possui sobre os eventos comportamentais efetivos; c) o foco em fenômenos históricos, em oposição a fenômenos contemporâneos. Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo "como" e "por que", quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real. Pode-se complementar esses estudos de casos "explanatórios" com dois outros tipos - estudos "exploratórios" e "descritivos". (YIN, 2001, p. 17).

O método que pesquisa será um **estudo de caso** sobre esse material traduzido na qual será analisado partes da tradução para que se possa responder as perguntas centrais dessa pesquisa de forma analítica.

Entende-se por estudos descritivos, em Estudos da tradução, segundo Magalhães e Pagano (2001):

[...]o conceito de estudos descritivos da tradução como “(...) o ramo da disciplina que deve fornecer uma metodologia coerente e procedimentos explícitos de pesquisa de forma a permitir que os resultados de estudos descritivos individuais sejam expressos em termos de generalizações sobre o comportamento tradutório” (MAGALHÃES e PAGANO, 2001, p. 97).

Dessa forma, estudos linguísticos que tenham como objeto de pesquisa a tradução e a meta-reflexão do próprio tradutor passam a ser de interesse da ciência. Conforme argumenta Magalhães e Pagano (2001):

Originais e traduzidos, BAKER (1993) também se vale de uma nova virada dentro dos estudos linguísticos para elaborar o argumento de constituição da disciplina Estudos da Tradução através da investigação da natureza do texto traduzido. Observa a autora uma mudança de orientação nos estudos linguísticos que, de uma perspectiva conceitual e semântica da linguagem passa para uma perspectiva situacional e de uso da linguagem. Essa virada traz como consequência direta uma mudança nos métodos de investigação linguísticas: os estudos conceituais e semânticos podem basear-se na introspecção, os estudos que levam o contexto em consideração só são possíveis com o acesso a dados reais, devendo haver, no caso da investigação do uso da linguagem, um grande número desses dados. (MAGALHÃES e PAGANO, 2001, p. 96).

Tendo em vista uma noção do que se trata um estudo de caso, a seguir apresentaremos os objetivos que estimularam a pesquisa do presente trabalho.

### **3.4 Objetivos da pesquisa**

Traçamos os seguintes objetivos nesta pesquisa:

#### **3.4.1 Objetivo Geral**

- Estudar aspectos da dinâmica do processo de tradução, registrando os elementos envolvidos no momento de tomada de decisão do tradutor.

#### **3.4.2 Objetivos Específicos**

- Realizar a tradução do livro infanto-juvenil “O homem que amava caixas” da editora Brinquebook;
- Registrar o processo de tradução em formato de diário;
- Levantar as contribuições provenientes de conhecimento linguístico, discursivo e comunitário para tomada de decisão do tradutor;
- Discutir os elementos que levam o tradutor a desenvolver a revisão do texto;
- Analisar a natureza do processo de tradução que culmina com o produto final: a tradução;
- Contribuir com a área da tradução com relatos do processo da tradução;
- Construir indicações para elaboração de um modelo de diário que envolva a língua de sinais e também textos multimodais.

### **3.5 Material da tradução**

Selecionamos um livro de literatura infanto-juvenil com ilustrações, escrito e ilustrado pelo autor Stephen Michael King.

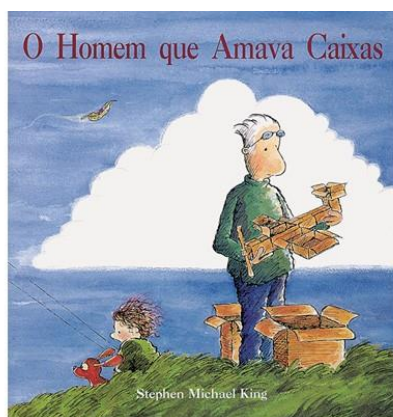


Figura 3: Capa do livro

Fonte da imagem: <https://www.brinquebook.com.br/brinque-book/livro-o-homem-que-amava-caixas>  
KING, Stephen Michael. O homem que amava caixas. Trad. Gilda de Aquino. São Paulo: Brinque-Book, 2005.

Para seleção do material, levantamos como critérios:

- 1) Livro de literatura infanto-juvenil
- 2) Livro publicado em português
- 3) Livro multimodal
- 4) Qualidade de publicação (editora)

Outro aspecto para a escolha do livro refere-se ao autor Stephen Michael King, que é surdo, levando em conta que, como já mencionado, duas de suas obras já foram trabalhadas e por isso sente-se certa afinidade pelas características de seus materiais. Suas obras apresentam muitos elementos visuais, que se contextualizam com o texto e, particularmente, a cada retomada à obra é possível perceber algo novo e/ou ter outra impressão diferente. Vale ressaltar que o livro já foi publicado com uma tradução para a Libras, mas preferimos que a tradutora não tivesse acesso a tradução para não ser influenciada e, também, para vivenciar a tradução desde o início.

### **3.6 Construção dos dados da pesquisa**

#### **3.6.1 Procedimentos de pesquisa:**

Desenvolvemos os seguintes passos:

- 1) Leitura do texto de partida;

- 2) Produção de vídeos com a tradução – página a página do livro;
- 3) Registro do processo no diário de tradução;
- 4) A partir da leitura do diário de tradução, observar as categorias de análise;
- 5) Desenvolver a análise do diário do tradutor para examinar os fatores que influenciam na interpretação e construção de sentidos como também na enunciação do tradutor;
- 6) Problematizar o processo de tradução e os elementos dinâmicos das escolhas tradutórias;

Dessa forma, os dados a serem analisados são provenientes do diário de tradução.

### 3.7 Procedimento de transcrição

Acredita-se ser interessante trazer a definição e a função da transcrição e da glosa na Libras, tendo em vista que estas foram utilizadas no decorrer da construção do diário de tradução. A tradutora, como já mencionado acima, realizava a leitura multimodal do livro e a partir da sua proposta de tradução, além do vídeo gravado, registrava os sinais em de forma escrita onde continha os sinais, e elementos que detalham e envolvem a produção da glosa.

Felipe (2005) explica ainda:

As línguas de sinais têm características próprias e por isso vem sendo utilizado mais o vídeo para sua reprodução à distância. Existem sistemas de convenções para escrevê-las, mas como geralmente eles exigem um período de estudo para serem aprendidos, neste livro, estamos utilizando um "**Sistema de notação em palavras**".

Este sistema, que vem sendo adotado por pesquisadores de línguas de sinais em outros países e aqui no Brasil, tem este nome porque as palavras de uma língua oral-auditiva são utilizadas para representar aproximadamente os sinais. (FELIPE, 2005, p. 24)

Pelo fato da Libras ser uma língua gestual-visual a forma de registro escrito dos sinais pode ser a transcrição que é a forma mais conhecida de reproduzir, porém, há também a escrita de sinais, mas que ainda não é tão explorada quanto a transcrição. Desta forma iremos focar nesta primeira possibilidade de registro. Santiago discorre que:

A transcrição da língua de sinais pode ser considerada como uma possibilidade de apresentação dos dados de uma pesquisa, onde o seu corpus compreende a materialidade da língua de sinais, porém considerando a dificuldade de realizar a anotação escrita de uma língua viso-gestual e ainda deste registro fazer sentido para o leitor de uma pesquisa acadêmica em português, o pesquisador precisa fazer várias escolhas com base na sua interpretação da realidade material, que se apresenta na expressão dos falantes, considerando sempre os limites e possibilidades desta forma de apresentação dos dados. (SANTIAGO, 2014, p. 1).

A transcrição tem por objetivo representar a ordem dos sinais que são/serão utilizados, dessa forma pode ser considerada uma estratégia para identificarmos a formação e a ordem que os sinais são colocados. Entretanto uma forma conhecida desta “estratégia” na Libras é chamada de *glosa* que conforme explica Santiago:

tem sido adotada uma variação de um sistema de glosas, sistema em que uma palavra é grafada em maiúsculo como representação do sinal manual com sentido equivalente, e os sinais não manuais podem ser representados por códigos sobrescritos, e usos do espaço de sinalização podem ser indicados por letras ou números subscritos. (SANTIAGO, 2014, p. 2).

### **3.8 Procedimento da Análise dos Dados**

A partir da análise do diário de tradução, buscamos elementos relevantes para discussão dos aspectos que envolvessem o processo de tradução. Então, elencamos três categorias de análise 1) A pesquisa, 2) A multimodalidade e tradução, 3) Experiências singulares do tradutor. Trabalhamos com excertos do diário de tradução problematizando os aspectos históricos e sociais das escolhas tradutórias.

Dessa forma, desenvolvemos a análise do diário examinando os fatores que influenciaram no momento da interpretação e na construção de sentidos como também na enunciação do tradutor, dito de outra forma, os dados analisados são provenientes do diário de tradução.

## 4 DIÁRIO DE TRADUÇÃO EM ANÁLISE

### 4.1 Introdução

Nesta quarta seção do TCC, foram expostos os resultados encontrados por meio da discussão dos dados registrados no diário de tradução. Na primeira parte serão tratados os dados que envolveram o processo de busca do tradutor, denominado de 1) A pesquisa. Na segunda parte, analisamos uma das preocupações evidenciadas pelo tradutor no diário, ou seja, o diálogo entre ilustrações, texto e design do livro, denominado de 2) Multimodalidade e tradução. A terceira parte consistirá na análise dos dados de memórias particulares, chamado de 3) Experiências singulares do tradutor.

Dessa forma, A partir da observação do todo das enunciações registradas no diário de tradução, pudemos proceder à análise desse registro e apresentamos a seguir a discussão dos dados.

### 4.2 1) A pesquisa:

Na construção do diário de tradução, fomos registrando o processo de desenvolvimento da tradução. Em diferentes momentos, o tradutor desenvolveu pesquisa, como apresentado nos excertos abaixo.

*A fim de compreender melhor a história e seu propósito busquei na página da própria editora uma sinopse (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p.2).*

Pesquisa sobre o conteúdo do livro, tendo como base a própria editora. Tivemos acesso a uma sinopse bem sucinta “O Homem que Amava Caixas” conta a história de um homem que era apaixonado por caixas e por seu filho. O único problema é que, como muitos pais, ele não sabia como dizer ao filho que o amava” (BRINQUEBOOK, 2018, sp.)

No site também tinha um vídeo com a história apresentada por um contador de história. Tendo como base a oralidade a história foi adaptada envolvendo música, vídeo, oralidade, e o encantamento a partir de uma entonação específica para chamar a atenção da audiência tendo como pano de fundo um som de violão. Ao assistir ao vídeo nos envolvemos um pouco mais com a história.



*Pesquisei para que línguas o livro já foi traduzido (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 7)*

Esse tipo de pesquisa situa o tradutor do contexto global da obra, sendo publicado em seis países, sendo eles: Brasil, China, França, Alemanha, Coréia, Reino Unido e Estados Unidos. Apesar do livro já ter sido traduzido para a Libras, no site da própria editora não há essa informação e a possibilidade de compra do DVD com Libras é mencionado no Buscapé (site de compra), contudo está indisponível. Descobrimos que o livro em Libras está esgotado. Entretanto a pesquisa continuou, visto que na primeira página do livro nos deparamos com “Era uma vez”.

*Já de início, na expressão era uma vez, lembro-me vagamente de ter visto na disciplina de tradução de literatura infanto-juvenil, contudo não sei ao certo. Então, precisei pesquisar no Google, ou melhor, em alguma tradução já feita para verificar quais foram as escolhas tradutórias de outros tradutores. Pesquisei com as seguintes palavras – tradução, literatura, libras e Youtube (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 4).*

*[...]*

*Então, eu tenho 4 versões de tradução para essa expressão e todas diferente, com alguma variação fonológica ou composição. Penso que com as duas mãos a expressão fica remetendo a um tempo muito passado, então prefiro fazer PASSADO com uma mão. (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 5).*

No processo de tradução, a tradutora relatou em seu diário a necessidade de busca por uma expressão específica de introdução de histórias, o que podemos identificar como expressão técnica. Conforme o diário, ela encontrou quatro diferentes formas de enunciar “Era uma vez”, são elas:



Hora do Conto - Rapunzel (Libras)

- 1) Figura 4: Título: Hora do Conto – Rapunzel (Libras) – TV UFG - Tradutora: Mariá de Rezende Araújo

**Frase:** Era uma vez / **Tradução:** TER PASSADO

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JuCVU9rGUa8&t=150s>>

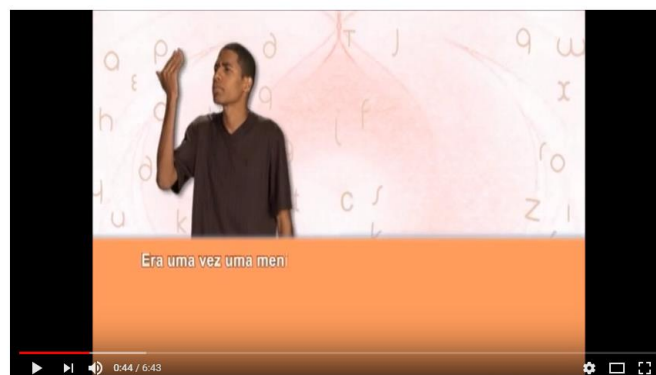


Histórias em Libras - Os três porquinhos

- 2) Figura 5: Título: Histórias em Libras – Os três porquinhos – TV CES – Tradutor: Fábio de Sá

**Frase:** Era uma vez / **Tradução:** APONTAR CASA

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mgSIYg-Astg>>



A Menina que não gostava de ler em LIBRAS.1.wmv

- 3) Figura 6: Título: A menina que não gostava de ler em LIBRAS – Secretaria de Cultura da Bahia - Tradutor: Ednilson Macêdo da Silva

**Frase:** Era uma vez / **Tradução:** PASSADO (com uma mão)

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Qjp-aE-okFA>>



CHAPEUZINHO VERMELHO EM LIBRAS

- 4) Figura 7: Título: Chapeuzinho vermelho em Libras – INES – Tradutora: Ana Regina Campello

**Frase:** Era uma vez / **Tradução:** PASSADO (com duas mãos)

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=JuCVU9rGUa8&t=151s>>

Feita a pesquisa, a tradutora identificou a possibilidade de expressão com **uma mão**, com **duas mãos**, **TER PASSADO** e **não apresentar nenhuma expressão** relacionada a essa introdução. Apesar de ter as diversas possibilidades, a tradutora se posiciona “*Penso que com as duas mãos a expressão fica remetendo a um tempo muito passado, então prefiro fazer PASSADO com uma mão.* (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 5)”. Assim, evidencia a escolha própria do termo que vai enunciar em sua tradução.

O tradutor é um profissional cujo ofício envolve reconstruir a situação enunciativa original na situação enunciativa-alvo, percebendo assim suas convergências e divergências, um profissional que, sem alterar o sentido do original – exceto no que há de inevitavelmente “outro” em qualquer “leitura”, tradutória ou não -, tem a função de criar sentidos “assemelhados” na língua-alvo. O tradutor é um generalista, um pesquisador de tudo, um eterno curioso por força de sua atividade, um profissional da intertextualidade, um especialista na identificação dos diálogos que os autores estão travando o tempo inteiro, muitíssimas vezes sem ter plena consciência disso, e que ele tem por obrigação manter dentro do humanamente possível. (SOBRAL, 2008, p. 99-100).

Conforme o autor, no processo há uma busca por reconstruir a situação enunciativa. Essa escolha também está baseada em um conhecimento linguístico. A tradutora explicita no diário “*Penso que com as duas mãos a expressão fica remetendo a um tempo muito passado* (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 5)”, fica evidente sua formação em linguística, pois é comum o fenômeno de intensificação, ou pelo uso de duas mãos ou pela repetição, ou intensidade do sinal.

De acordo com Johnston e Schembri (1999), na Auslan, entre os fatores que podem levar sinais tipicamente produzidos com uma mão a ser realizados com duas está a expressão de intensificação de seu significado. Na libras, a expressão de intensidade também pode ocasionar o mesmo processo em alguns sinais. (XAVIER, 2014, p. 38).

Com base no diário de tradução foi possível identificar as preocupações com o sentido do texto, se a um passado recente ou a um passado muito distante quando do uso de duas ou uma mão.

Xavier e Barbosa (2013) evidenciaram que a realização, com duas mãos, de alguns sinais da libras normalmente feitos com uma pode ser motivada por fatores de natureza semântica. Os autores citam entre esses fatores a expressão de pluralidade, aspecto ou intensidade. Os autores apontam ainda que é possível que um mesmo sinal sofra alteração em seu número de mãos em função de diferentes fatores, a depender do contexto de uso. Segundo eles, um determinado sinal, tipicamente feito com uma mão, teoricamente poderia ser realizado com duas para expressar, por exemplo, pluralidade em um caso e intensidade em outro. (XAVIER, 2014, p. 47)

Além da pesquisa em vídeos de histórias, narrativas, contos, ou seja, de textos em Libras com gênero discursivo similar, a tradutora registra no diário a busca de opinião de pessoas que conhecem e usam a Libras.

*Para esta página eu estava com um colega ao lado e questionei-o de como ele realizaria a tradução desta sentença. A partir da sinalização dele e de alguns elementos que eu julguei interessante na minha construção para a Libras apresento a glosa (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 23).*

Outra importante forma de pesquisa está relacionada à consulta de profissionais da área ou o próprio público-alvo do material como sinalizantes nativos da língua para qual está sendo tradução. A tradutora relatou a contribuição de um colega tradutor/intérprete de Libras/português ouvinte que ajudou a expressar alguns elementos, principalmente para situar os personagens lado a lado e em interação.

*Depois, relendo a tradução, não fiquei satisfeita com a produção em sinais relacionada à ilustração do livro. Visto que, na imagem o menino está sobre os ombros do pai. Então, buscamos a consulta a sinalizantes nativos de libras, principalmente surdos adultos bilíngues (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 24).*

A tradutora relata a busca por sinalizantes nativos e afirma que

*Após a consulta com os surdos, a conclusão que chego é que é essencial pensar no público-alvo, o que deve conter na tradução, como deve ser desenvolvida, o que é necessário para fixar a atenção de quem irá assistir ao vídeo com a tradução, entre outros elementos (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p.26).*

Desta forma, fica evidente a necessidade, também, de inserir-se na cultura da língua em que se aprende, pois existem diversos elementos que constituem e corroboram para uma tradução satisfatória.

*A construção visual de uma tradução a torna leve de ver, é possível perceber detalhes que podem ser apresentados que, talvez, você não tenha pensado/imaginado, é algo entusiasmante. Foi isso que senti observando a sinalização dos dois surdos que pedi para que traduzissem as penúltimas e a última página do livro. (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 26).*

Para as três últimas páginas do livro, a tradutora encontrou algumas dificuldades, como por exemplo, nas páginas 26-27 do livro em que apresenta três personagens (homem, filho e o cachorro). Nesta página, o homem e o filho estão soltando pipa no alto de um morro. A tradutora argumenta:

*Percebo que eu ainda fico muito presa e eles não, muito pelo contrário, exploram o espaço, classificadores, incorporam, exploram expressões faciais e corporais... E isso torna muito mais atraente e gostoso de ver. (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 24).*

A tradução de livros infanto-juvenil requer que o tradutor tenha um olhar mais sensível, principalmente, quando envolve a multimodalidade.

Deste modo, a tradução propicia ao tradutor um tempo maior de pesquisa, reflexão, discussão... onde, na maioria das vezes, estes fatores possibilitam ao tradutor realizar um trabalho mais bem elaborado, organizado etc.

A distinção clássica entre tradução e interpretação envolve o tempo de preparo e a possibilidade de reparo do material final, sendo desenvolvidos estudos ou no campo da tradução ou interpretação.

De modo simples, o que nos permite diferenciar os ET e os EI é basicamente o seu objeto central de estudo, respectivamente, “a tradução e o traduzir” e “a interpretação e o interpretar”. Esses dois processos, embora cunhados na translação de material linguístico-cultural de uma língua à outra, caracterizam-se pela maneira por meio da qual acontecem linguística, cognitiva e operacionalmente. Nesse sentido, esses campos disciplinares são justapostos e interdependentes, já que sua coexistência é inevitável, e, ao mesmo tempo, distintos e singulares em relação à especificidade de seu foco de estudos. (RODRIGUES; BEER, 2015, p.19).

Conceitualmente, no campo dos estudos da tradução, a interpretação de língua de sinais tem mais visibilidade. Conforme levantamento das produções nos Estudos da interpretação, as línguas de sinais tem sido cogitadas e envolvem pesquisas recentes. “Isso demonstra como a interpretação envolvendo línguas de sinais ganha cada vez mais visibilidade e logra espaço em meio às produções de grandes teóricos, principalmente, do campo dos EI.” (RODRIGUES; BEER, 2015, p. 31).

Por fim, ressalta-se que o processo de pesquisa foi essencial para o aprimoramento da tradução. Identificamos diferentes tipos de pesquisas são elas: introdutórias para conhecimento da obra, do autor, do contexto global da edição dos materiais, das línguas para quais já foi traduzido, como também uma pesquisa técnica buscando formas específicas de expressão na língua de chegada, no caso a Libras. Destacamos também a pesquisa com colegas tradutores e com sinalizantes de Libras surdos. São diferentes modos de busca da melhor forma de expressar a multimodalidade.

Contudo, como já apontado, a busca das expressões foi desenvolvida no Youtube com uma busca genérica por histórias contadas em Libras. O que demandou muito tempo da tradutora, considerando que em muitas histórias essa expressão nem aparecia, e a incerteza de confiabilidade do material consultado, apesar de serem institucionalizados. Seria interessante ter um dicionário on-line para expressões em Libras, tornando a busca mais eficaz e possibilitando a um número maior de pesquisadores o acesso a essas informações.

Não há a expressão “era uma vez” no dicionário do Capovilla e Raphael (2001) e tendo em vista a escassez de dicionários e fontes de pesquisa rápidas para o tradutor estes não contemplam determinadas expressões o que dificulta a qualidade de pesquisa do tradutor.

Apesar da iniciativa de algumas instituições que trabalham com surdos como a UFSC<sup>7</sup>, por exemplo, os dicionários não comportam um número grande de sinais e tampouco suas variações.

#### 4.3 2) Multimodalidade e tradução

Já em uma primeira leitura, a tradutora identificou como o livro era rico em ilustrações e como isso iria influenciar o seu trabalho.

*Pude perceber que o livro contém muitos elementos visuais, ou seja, terei que trabalhar com uma tradução intersemiótica de livro multimodal, destacado ficou nas páginas 06 e 07 quando se trata dos tipos de caixas que o pai do menino produz. Outro ponto que eu preciso pensar quando for traduzir é quando a história envolve mais de um personagem ao mesmo tempo na ilustração, como, por exemplo, o menino com outras crianças na página 18 e 19. (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 02).*

Outra estratégia adotada pela tradutora foi a de, ao final de algumas traduções, incorporar a posição da personagem da página com o intuito de tornar a tradução mais dinâmica e visual.

*Vale destacar que o sinal de caixa ao final da expressão foi produzido no lado direito da tradutora em uma parte superior do enquadramento de sinalização, pois na figura o homem segura uma caixa em um nível acima dos seus olhos. Penso que assim, o leitor poderia relacionar a sinalização com a ilustração. (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 09).*

Na figura 9 a seguir, apresentamos as páginas 4 e 5 do livro com a ilustração do homem em pé segurando a caixa de papelão, ao lado apresentamos a sinalização da tradutora assumindo posição similar em sua expressão em Libras. Essa imagem tradutora é fruto dos vídeos que compõem o diário de tradução, como vídeos de registro da primeira versão de tradução.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.glossario.libras.ufsc.br/>>



**Texto em português:** e o homem amava caixas.

(páginas 04-05)

Tabela 2: Comparação da Ilustração com a posição da tradutora  
Fonte: Produção da pesquisadora



**Sinalização em Libras:** HOMEM  
APONTAR RL-D<sup>8</sup> AMAR CAIXA

Estudos sobre tradução de livro multimodal evidenciam a projeção do corpo do tradutor sobreposto à página do livro e a necessidade dessa referência posição do personagem-posição do tradutor para o leitor criança surda. Em análise de tradução de livro, Albres (2014) indica.

Motivada pela posição da ilustração a ser lida pelo interlocutor, coloca o corpo para o lado direito (na perspectiva do sinalizador) para representar Sra. Silvano e o corpo para o lado esquerdo (na perspectiva do sinalizador) ao representar o Guilherme; aqui também, o posicionamento do corpo da tradutora acompanha o posicionamento dos personagens ilustrados na página do próprio livro. Entretanto, não é só o posicionamento que indica quem está enunciando em Libras, mas a pantomima, o gesto motivado pela ilustração do livro também tem um feito fundamental para essa leitura. (ALBRES, 2014, p. 1165).

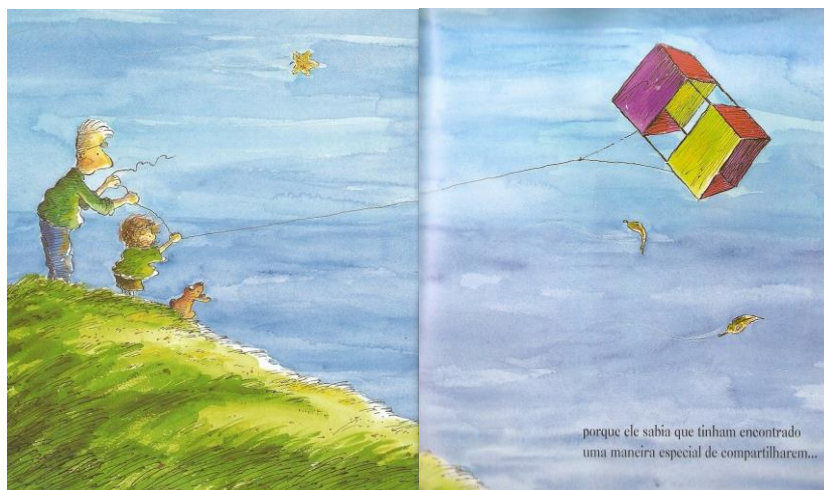
A partir da consulta com os sinalizantes de Libras, a tradutora percebeu a importância de ter contato com pessoas que façam uso da Libras, surdos e ouvintes, para a construção da tradução, pois a visão do outro contribui de forma positiva no processo. A tradutora relata a contribuição no processo, especificamente sobre as páginas 26 e 27 do livro (figura 10).

*“Para esta página eu estava com um colega ouvinte ao lado que é tradutor/intérprete bastante experiente e questionei-o de como ele realizaria a tradução desta sentença”. (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 23).*

---

<sup>8</sup> Referente Local direito





**Texto em português:** porque ele sabia que tinham encontrado uma maneira especial de compartilharem...

Figura 8: (Stephen Michael King, 1997, páginas 26-27)

Nesta página (figura 10), a tradutora, em sua tradução, mostrou-se bastante próxima ao texto em português e a partir da pesquisa com seu colega ouvinte teve a possibilidade de ampliar suas ideias e conseguir reformular sua construção. A consulta com sinalizantes surdos possibilitou a percepção de diferentes maneiras que poderia explorar a enunciação em Libras, conforme comenta:

*Tendo em vista que, em sua grande maioria, por serem bastante visuais tem estratégias e ideias muito interessantes. Não foi diferente de como eu imaginava, fiquei entusiasmada com as traduções que eles realizaram, totalmente diferente da forma como eu sinalizo/penso (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 24).*

Em relação à última página do livro, onde a tradutora também buscou auxílio do seu colega ouvinte, ela relata que buscava por algo envolvente e amável, considerando o enredo da história e o laço afetivo entre pai e filho que é apresentado no desfecho. Sendo assim, a escolha tradutória em uma primeira versão, realizada foi a seguinte:



**Texto em português:** o amor de um  
pelo outro  
(Stephen Michael King, 1997, p.28)



**Sinalização em Libras:** Configuração de mão número 36<sup>9</sup>  
com as duas mãos CAMINHAR + Sinal de AMOR

Tabela 3: Comparação da Ilustração com a posição da tradutora  
Fonte: Produção da pesquisadora

Na figura 11 (acima), a tradutora procurou construir espacialmente o encontro entre o pai e filho, por meio dos dois caminhando um em direção ao outro e logo em seguida produzindo o sinal de AMOR. Essa enunciação remete ao sentido do livro, o encontro dos dois. Contudo, não retrata a ilustração apresentada em conjunto com o texto, conforme relata a tradutora:

*Minha vontade era de explorar mais os personagens, mas não consegui encontrar uma forma que ficasse interessante e bem construído (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 25).*

No excerto acima, a tradutora revela que o processo de tradução é envolvido de satisfação pela enunciação construída na língua de chegada, mas também de insatisfações e de sensação de não ter alcançado uma boa versão o que move a tradutora para continuar sua busca.

Após a pesquisa com os dois surdos, a tradutora conta que ficou impressionada com a sinalização deles, pelo fato de explorarem classificadores, incorporação dos personagens, entre outros elementos.

<sup>9</sup> Retirado de <[http://sedis.ufrn.br/bibliotecadigital/site/pdf/TICS/Livro\\_MOD2\\_LIBRAS\\_Z\\_WEB.pdf](http://sedis.ufrn.br/bibliotecadigital/site/pdf/TICS/Livro_MOD2_LIBRAS_Z_WEB.pdf)> p. 35

*Algo que eu estava em dúvida de como realizar é o menino nos ombros do pai. Em conversa com minha orientadora, discutimos que não fazia sentido a sinalização que eu havia realizado pelo fato de os dois não estarem caminhando um ao encontro do outro. Desta forma, fui em busca de sinalizantes surdos para que pudessem traduzir e eu analisar suas escolhas e a partir daí perceber as possibilidades que existem de expressar a ilustração e texto de acordo com a visão deles. (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 26).*

Feita a pesquisa, a tradutora discorre sobre a experiência de observar a tradução dos sinalizantes surdos.

*De modo geral, para representar o menino nos ombros do pai eles expressaram os dois de mãos dadas caminhando, depois pegava o menino e colocava nos ombros. Especificamente um dos surdos chamou-me mais atenção pelo fato de descrever todos os elementos da ilustração como, por exemplo: o sol mais baixo, a pipa que o homem segura com a mão direita e com a mão esquerda segura o menino, o cachorro correndo atrás deles. Fiquei surpresa com a tradução deles e percebi o quão essencial e, também, bonito é explorar estes elementos que existem na Libras e que possibilitam uma sinalização extremamente gostosa de ver. (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 26).*

Albres (2015) estudou a tradução de literatura para Libras e descreve a importância do uso do espaço pelo tradutor para o processo de geração de sentidos e dos espaços na perspectiva do leitor de texto multimodal.

Para a construção do efeito de espacialidade na enunciação em Libras, a tradutora usa o movimento do corpo, o local de sinalização no espaço, a apontação e a direção do olhar. Barbosa (2011) menciona que a referenciação em Libras faz uso de sinais manuais e pronomes, de marcas não manuais como posição da cabeça e do tronco e expressões faciais específicas, sendo estas referenciações relevantes na introdução e retomada de referentes do discurso. (ALBRES, 2015, p. 10).

[...] Por isso, as escolhas de formas referenciais, nos discursos sinalizados, estão, fundamentalmente, relacionadas à organização espacial e à tradução de livros de literatura infanto-juvenil com ilustrações, as quais, por sua vez, iluminam as possibilidades de criação dos espaços e marcas dos personagens. (ALBRES, 2015, p. 16).

#### **4.4 3) Experiências singulares do tradutor**

Cada tradução é singular pelo sujeito que a produz e pelas experiências que carrega. Contudo, a tradutora levanta questões pertinentes a algumas experiências vividas por ela onde envolvem contação de histórias, tradução etc.

*As 01:13 realizei a tradução das páginas 14-15 onde contém a frase “e seus aviões sempre voavam...”. Nesta parte pude retomar a disciplina optativa de Introdução a tradução de literatura infanto-juvenil que tive com a professora Neiva Albres. Em conjunto com a turma traduzimos um livro que continha reticências em algumas partes e houve a discussão de como poderíamos realizar esta expressão, tendo em vista que as reticências demonstram algo mais, algo que está/pode (por) acontecer. Desta forma, utilizei a expressão que se resume em balançar a cabeça para cima e para baixo de forma suave juntamente de expressão facial arqueando a sobrancelha três vezes (conforme as reticências). (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 15).*

Com isso a tradutora pode utilizar, a partir de seus conhecimentos adquiridos, esta estratégia nas páginas que continham as reticências. Exemplo:



**Texto em português:** e seus aviões sempre voavam... (páginas 14-15)



**Sinalização em Libras:** (reticências) movimento da cabeça para cima e para baixo + arqueamento das sobrancelhas três vezes

Tabela 4: Comparação da Ilustração com a posição da tradutora  
Fonte: Produção da pesquisadora

As escolhas da tradutora foram determinadas pelas suas experiências e conhecimento. No estudo do processo de tradução é preciso

[...] compreender que as escolhas do tradutor são marcadas pelos seus conhecimentos sobre os sistemas linguísticos envolvidos, sobre as teorias da tradução, e pelas suas condições histórico-culturais, passível da

subjetividade, também constituem o processo. (ALBRES e NASCIMENTO, 2014, p. 239).

Com base no diário de tradução foi possível evidenciar a individualidade da tradutora, o registro de seus pensamentos no processo, de um movimento de criação.

Um dilema presente à atividade de tradução é o fato de que, como a maioria das pessoas vê a individualidade como subjetividade, entendida como expressão pessoal, psíquica, extra social, o tradutor tem de enfrentar a “suspeita” de que, como não se exprime naquilo que traduz, não é criador – e quantas vezes tem de “justificar” sua atividade, explicar que não “repete”, ou “copia”, mas transfigura, interpreta, recria! (SOBRAL, 2008, p. 101).

Mais especificamente, sobre experiências pessoais no diário identificamos o seguinte excerto:

*Participei de um estágio extracurricular no colégio de aplicação da UFSC no ano de 2015 e 2016 em que um professor de Libras surdo ensinava a disciplina de libras para crianças ouvintes e surdas em processo de inclusão. Na ocasião, o professor explorava o uso de história infantil, trazia para sala vídeos com desenho animado e legenda em português, ou ppt com as ilustrações das páginas do livro. Ele solicitava que eu como intérprete educacional fizesse a leitura do português do ppt para os alunos a fim de situá-los, logo depois ele apresentava a história em Libras. Mas a forma de apresentação em libras explorava muito a incorporação, uso do espaço, gestos, não usando tanto os sinais da libras. Eu aprendi muito nessa situação, pois percebia que chamava atenção das crianças. (DIÁRIO DE TRADUÇÃO, 2018, p. 10).*

Experiências práticas de formação, ida ao campo (escola), contato com surdos expressando língua de sinais em situações reais são elementos que contribuem para a formação do tradutor. Albres e Nascimento (2014) discorrem que:

Consideramos relevante para a formação do tradutor/intérprete o desenvolvimento de estratégias tradutórias (compreendendo aqui essas estratégias como ligadas a todo e qualquer tipo de mobilização entre línguas – textos escritos e orais). No entanto, essas estratégias precisam contemplar a dimensão discursiva da linguagem, isto é, seu uso concreto, possibilitando aos aprendizes uma reflexão sobre os processos de construção de sentidos a partir das situações concretas de enunciação. (ALBRES e NASCIMENTO, 2014, p. 226).

#### **4.5 Conclusão do capítulo**

É possível afirmar que o diário de tradução é uma fonte de reflexão teórico-prática para o tradutor que faz uso desse tipo de registro, pois à medida que realiza anotações no diário, tem a possibilidade de retomar estas informações que estão registradas. Dessa forma, o diário é fonte material para a reflexão do que foi criado inicialmente e, a partir de novas experiências/práticas/pesquisas/ideias tem a chance de aprimorar suas escolhas e, também, de analisar a sua progressão na tradução. Esta atividade de registro é bastante interessante, pois a tradutora consegue perceber ou alterar alguma informação a cada retomada no diário, de modo que seu conhecimento está sempre em movimento, recebendo e compartilhando informações, muitas vezes, que contribuem para este processo.

O diário de tradução pode contribuir para o processo de tradução considerando que no momento de registrar auxilia na retomada do que foi produzido possibilitando perceber e/ou analisar as diferentes formas de tradução para determinada sentença. Desta forma, o tradutor tem a percepção de como a tradução está em constante mudança, ideias que surgem no decorrer do processo a fim de tornar uma versão mais refinada da tradução.

A partir do referencial teórico e da própria experiência de produção do diário foi possível levantar alguns elementos que devem ser estabelecidos no registro do diário de tradução, como:

**Elementos do diário de tradução - de modo geral:**

- Pesquisas a fim de ampliar sua visão com base em outros materiais produzidos, seja pesquisa virtual (vídeos, textos...) ou com pesquisadores da área.
- Conceitos ou expressões que são utilizados no texto fonte e que precisam ser pensados para o texto de chegada.
- Dúvidas ou quaisquer questionamentos que surgirem no decorrer do processo devem ser registrados a fim de possibilitar o tradutor a uma reflexão e possíveis esclarecimentos.
- Condições em que é feito o trabalho (espaço físico, com computador, livro em papel, câmeras, etc).
- Qualquer tipo de ajuste no processo, ou seja, mudanças desenvolvidas no percurso e a causa dessa mudança.
- Ponto e retomada da tradução (se foi diretamente à última palavra traduzida ou se fez alguma leitura a partir de um ponto anterior, indicando neste caso o ponto).

- Horários e datas que o tradutor inicia a atividade de registro, incluindo intervalos como pausas e interrupções no processo (por algum motivo).

**Elementos do diário de tradução - especificamente de livro multimodal para Libras:**

- Relação da imagem com o texto é um elemento de suma importância que o tradutor deve levar em conta no momento de traduzir um material multimodal.
- Registro por vídeo, pois isso possibilita ao tradutor rever todas as versões criadas desde o início até sua última modificação. Como a língua de sinais é espaço visual e o corpo do tradutor será apresentado sobreposto à imagem, é necessário registrar os pontos referentes influenciados pela ilustração do livro.
- Horários e datas que os vídeos foram registrados.
- Pesquisas realizadas (dicionários, livros, internet, e pessoalmente com colegas tradutores surdos e ouvintes, como também na comunidade surda com pessoas bilíngues e falantes nativos da Libras).
- Vestimenta/caracterização são aspectos que podem ser pensados para a tradução em Libras a fim de tornar mais atraente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, traçamos como objetivo estudar aspectos da dinâmica do processo de tradução, registrando os elementos envolvidos no momento de tomada de decisão do tradutor, bem como a reflexão do processo de tradução. Desta forma, a pesquisadora objetivou levantar contribuições provenientes do conhecimento linguístico, discursivo e social para a tomada de decisão na tradução; discutir elementos que levam a tradutora a desenvolver a revisão do texto; analisar a natureza do processo de tradução que culmina como produto final (a tradução); contribuir com a área da tradução relatando sobre o processo da tradução e; construir indicações para a elaboração de um modelo de diário que envolva a língua de sinais e também textos multimodais.

Com a análise dos aspectos da dinâmica do processo de tradução, observados no registro do diário sobre o momento da tomada de decisões e após a revisão do texto traduzido, construímos três categorias de análise: 1) A pesquisa, 2) Multimodalidade e tradução e 3) Experiências singulares do tradutor.

Na categoria “A pesquisa”, identificamos a importância de a tradutora realizar diferentes tipos de pesquisa, via internet e, também, com sinalizantes da língua, ampliando possibilidades e reflexões acerca do produto, ou seja, de como construiria sua tradução. Deste modo, por se tratar em uma tradução, o tradutor tem a chance de ter um tempo maior de pesquisa, de reflexão e discussão que são fundamentais para que a tradução seja realizada da melhor forma possível.

Na categoria de “Multimodalidade e tradução”, discutimos aspectos que dizem respeito à relação entre o texto e a imagem contidos na obra afirmando que o tradutor precisa estar atento a esta questão em se tratando de tradução de literatura infanto-juvenil (livro multimodal). São apresentadas tabelas que contém figuras selecionadas para se comparar a ilustração do livro e um *frame* de determinada parte do vídeo da tradução que motivaram a tradutora.

Por sua vez, na categoria “Experiências singulares do tradutor” foi possível analisar o quanto as vivências singulares da tradutora influenciaram no processo de tradução. Experiências adquiridas que a tradutora pode colocar em prática a fim de explorar tudo o que lhe foi ensinado durante as práticas em sala de aula e demais contatos acerca da Libras.

O campo dos estudos da tradução das línguas de sinais tem evidenciado a importância da tradução de materiais para esta área. E com o intuito de aprofundar sobre o que está por



trás do produto final, a tradução propriamente dita, acredita-se que esta pesquisa, assim como outras desta mesma natureza, contribui de forma significativa para os estudos da tradução de língua de sinais. Com algumas propostas levantadas no decorrer da pesquisa buscou-se apresentar alguns dos elementos que podem ser observados no processo de tradução de um material infanto-juvenil a partir de anotações provenientes do diário de tradução. Leite (2001) ao discorrer sobre a importância do diário de tradução afirma que “o seu objetivo principal era compreender o processo de desenvolvimento das crianças, bem como a aquisição de linguagem pelo ser humano” (LEITE 2001, p. 17). Entretanto, o objetivo do uso do diário de tradução tem uma perspectiva “mais atual” que, segundo Bailey & Oschner (1983, p. 189 apud Leite 2001, p. 18) explica:

Um estudo em diário do aprendizado, aquisição ou ensino de uma segunda língua é um relato da experiência com a segunda língua, registrado em primeira pessoa. O diarista pode ser um professor ou aluno de línguas – mas a característica central dos estudos em diário é que eles são introspectivos: o diarista estuda seu próprio ensino ou aprendizado. Dessa forma ele pode registrar fatores emocionais, estratégias de aprendizado e suas próprias impressões – fatores que são geralmente escondidos (...) para observadores externos. (BAILEY & OSCHNER, 1983, p. 189 apud LEITE, 2001, p. 18).

A aplicação do diário de tradução no processo de formação pode servir como referencial tanto para pesquisadores como para tradutores pela forma de registro ser bastante útil e interessante, apresentando observações sobre elementos multimodais, estratégias adotadas, influências, dificuldades e facilidades encontradas entre outros. Desta forma, a tradutora pode retomar anotações feitas, acrescentar novas ideias, reformular escolhas entre outros, tendo a chance de desenvolver uma pesquisa apenas com o conteúdo contido no diário. Portanto, acredita-se que o diário de tradução contribui de forma significativa para tradutores e pesquisadores. Pensando na área de língua de sinais também buscamos apresentar uma proposta de diário de tradução para esta língua, em forma de vídeo-registro levantando algumas possibilidades de elementos a serem descritos no diário ao longo do processo de tradução.

Seria interessante estudar, de forma aprofundada, as categorias de análise propostas e também buscar outros elementos a serem analisados em uma tradução, ampliando as pesquisas sobre este tema contribuindo para a área de língua de sinais. Haja vista a importância do registro do processo de tradução para pesquisadores e/ou tradutores, acredita-se que esta pesquisa pode, futuramente, vir a ser útil para demais interessados que tenham o

intuito de conhecer uma experiência de diário de tradução de livro multimodal e de tradução intermodal (Português-Libras).

## REFERÊNCIAS

ABNT. Acessibilidade em comunicação na televisão. Accessibility in TV captions. Norma Brasileira ABNT NBR 15290.2005

AGUIAR, Ofir B. **Abordagens Teóricas da Tradução**. Goiânia\_Editora UFG, 2000.

ALBRES, Neiva de Aquino. Tradução de literatura infantil: entre a construção de sentidos e o uso dos recursos linguísticos. In: **Anais do III Congresso Brasileiro de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**. Florianópolis-SC: UFSC. 15 a 17 de agosto de 2012. Disponível em: <[http://www.congressotils.com.br/anais/anais\\_2012.html](http://www.congressotils.com.br/anais/anais_2012.html)>.

\_\_\_\_\_. **Tradução de literatura infanto-juvenil para língua de sinais: dialogia e polifonia em questão**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/2014nahead/aop6014.pdf>>

\_\_\_\_\_. **Tradução intersemiótica de literatura infanto-juvenil: vivências em sala de aula**. Cadernos de Tradução (UFSC), v. 35, p. 387-426, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p387/30719>>.

ALBRES, Neiva de Aquino; NASCIMENTO, Marcus Vinicius Batista . **Currículo, ensino e didática em questão: dimensões da formação de tradutores/intérpretes de língua de sinais**. Caderno de Letras (UFPEL), v. 2, p. 221-243, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/4563/3402>>.

ALVES, Fábio. “A triangulação como opção metodológica em pesquisas empíricosexperimentais em tradução”. A. Pagano (org.) **Metodologias de pesquisa em tradução**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001.

ALVES, Fábio; MAGALHÃES, Célia. e PAGANO, Adriana. **Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação**. São Paulo: Contexto, 2007.

ANJOS. Jade Jagger Porto dos. **A letra de gibrán: uma proposta ética de tradução**. Monografia. Curso Letras – bacharel em Letras – Tradução. Universidade de Brasília. 2016. Disponível em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/14885/1/2016\\_JadeJaggerPortoDosAnjos\\_tcc.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/14885/1/2016_JadeJaggerPortoDosAnjos_tcc.pdf)>.

BAKER, Mona. **Linguística e Estudos Culturais: paradigmas complementares ou antagônicos nos Estudos da Tradução?** Em: MARTINS, M. A. P. (ed.). **Tradução e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Lucerna. 1999, p. 15-34.

BARBOSA, Heloisa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. Campinas, São Paulo, 2004.

BASSNETT, Susan. **Estudos da Tradução**. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. (Tradução de Vivina de Campos Figueiredo).

BERMAN, Antoine. **A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo**. Tradução: Marie Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

BRASIL, Decreto 5.626 de Dezembro 2.005. Regulamenta a Lei nº10.436 de Abril de 2.002. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF.

CRUZ, Daniel Adelino Costa Oliveira da. **Contribuições dos Estudos Bakhtinianos para os estudos de Tradução**. Revista Múltiplas Leituras, v.1, n. 2, jul. / dez. 2008.

\_\_\_\_\_. **O tradutor —infiel: a voz da reenunciação**. Recife: O autor, 2011. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Letras, 2011.

DELISLE, Jean., & Woodsworth, Judith. **Translators through history**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1995.

ECO, Umberto. **Quase a mesma coisa**. Tradução Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

FELIPE, Tânia Amaral. **LIBRAS em Contexto**. Rio de Janeiro: FENEIS, 2005.

FREITAS, Wesley R S; JABBOUR, Charbel J C. **Utilizando estudo de caso(s) como estratégia de pesquisa qualitativa: boas práticas e sugestões**. Revista Estudo & Debate, [S.l.], v. 18, n. 2, dez. 2011. ISSN 1983-036X. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/estudoedebate/article/view/560/550>>.

GALINDO, Fernando Legon. **Aspectos da dinâmica complexa do processo de tradução**. Análise de uma experiência de tradução literária do espanhol ao português. 2005. Dissertação (Mestrado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8145/tde-06072006-195347/pt-br.php>>.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4a ed. São Paulo (SP). Atlas, 2002.

GUERINI, Andréia; COSTA, Walter. **Introdução aos Estudos de Tradução**. Florianópolis: UFSC, 2006.

LEAL, Alice. **Funcionalismo e tradução literária: o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/view/12916>>.

LEITE, Tarcísio de Arantes. **Pesquisa Autobiográfica de Aprendizagem da Língua de Sinais Brasileira como Segunda Língua: Estudo em Diário**. Série Publicações Opcionais 2. – São Paulo, Escola do Futuro, Universidade de São Paulo, 2001.

MAGALHAES, Célia M. **Pesquisas textuais/discursivas em tradução: o uso de corpora**. PAGANO, Adriana Silvina (org.) Metodologias de pesquisa em tradução. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

MENEZES, Estera Muszkat; SILVA, Edna Lúcia da. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005. Disponível em: <[https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia\\_de\\_pesquisa\\_e\\_elaboracao\\_de\\_teses\\_e\\_dissertacoes\\_4ed.pdf](https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes_4ed.pdf)>.

NASCIMENTO, Marcus Vinicius Batista; BEZERRA, Tiago. Codogno. ; ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. **Formação de intérpretes educacionais de libras: entre concepções e propostas de curso de extensão universitária**. In: V Congresso Brasileiro de Educação Especial (V CBEE) / VII Encontro Nacional dos Pesquisadores da Educação Especial (VII ENPEE), 2012, São Carlos. V Congresso Brasileiro de Educação Especial (V CBEE) / VII Encontro Nacional dos Pesquisadores da Educação Especial (VII ENPEE). São Carlos: UFSCar, 2012. v. 5. p. 11745-11760.

NEWMARK, Peter. **A textbook of translation**. London: Prentice Hall, 1988.

OLHER, Rosa Maria. **Representações de tradução no contexto literário acadêmico**. Acta Scientiarum. Language and Culture. Maringá, v. 35, n. 3, p. 257-267, July-Sept., 2013. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/14944/pdf>>.

OLIVEIRA, Grazielle Tinassi Bas Étages: **experiência baseada na tradução da oralidade**. Monografia. Curso Letras – bacharel em Letras – Tradução. Universidade de Brasília. 2014. Disponível em: <[http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9799/1/2014\\_GrazielleTinassiOliveira.pdf](http://bdm.unb.br/bitstream/10483/9799/1/2014_GrazielleTinassiOliveira.pdf)>.

PAGANINE, Carolina. **Tradução e Interpretação: Uma Perspectiva Hermenêutica**. Florianópolis: UFSC: 2006.

PAGANO, Adriana; VASCONCELLOS, Maria Lúcia. **Estudos da tradução no Brasil: reflexões sobre teses e dissertações elaboradas por pesquisadores brasileiros nas décadas de 1980 e 1990**. DELTA, São Paulo, v. 19, n. spe, p. 1-25, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502003000300003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502003000300003&lng=en&nrm=iso)>.

PEREIRA, Lyvia Lea de Oliveira. ; PONTES, Valdecy de Oliveira. **O Modelo Funcionalista de Christiane Nord Aliado ao Dispositivo de Sequências Didáticas: Norteamentos para o Ensino de Tradução**. In: Entrad: Encontro Nacional de Tradutores, 2016, Uberlândia. ENTRAD: caderno de resumos. Uberlândia: Editora da UFU, 2016. v. 01. p. 109-110.

RODRIGUES, Carlos Henrique; BEER, Hanna. **Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente?** In: Cadernos de tradução. Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35nesp2p17>>

ROSSI, Ana Helena. **Traduzir: aspectos metodológicos e didáticos no ensino da tradução**. In: FERREIRA, Alice M de A. GOROVITZ, Sabine (Org.). **A Tradução na Sala de Aula: ensaios de teoria e prática de tradução**. Brasília: Editora UnB, 2014. 219 p.

SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. **O uso da anotação da língua de sinais na apresentação de publicações acadêmicas: analisando as escolhas que favorecem o entendimento do leitor**. Universidade Federal de São Carlos- UFSCar - 2014. Disponível em: <[www.congressotils.com.br/anais/2014/2966.pdf](http://www.congressotils.com.br/anais/2014/2966.pdf)>.

SILVA, Heber de Oliveira Costa e. **Tradução e Dialogismo: um estudo sobre o papel do tradutor na construção do sentido**. UFPE. Recife, 2011.

SNELL-HORNBY, Mary. **Translation Studies: an Integrated Approach**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamin's publishing company, 1995. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=uKaNRTMceV4C&printsec=frontcover&dq=Translation+Studies:+an+Integrated+Approach&hl=pt-BR&sa=X&ei=QwNhVaKoN6LisATv0oFI&ved=0CB0Q6AEwAA#v=onepage&q=Translation%20Studies%3A%20an%20Integrated%20Approach&f=false>>.

SNELL-HORNBY, Mary. **The Turns of Translation Studies**. New paradigms or shifting viewpoints? Amsterdã e Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2006. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=I914t-uAjt0C&pg=PA84&lpg=PA84&dq=katharina+reiss+translation+multimodal&source=bl&ots=knOQGJUpyh&sig=1RwY2DIptLqzfiLBzbts5MTIkU&hl=pt-BR&sa=X&ei=pOVgVfDKObPisQSBuYHYCA&ved=0CB0Q6AEwAA#v=onepage&q=katharina%20reiss%20translation%20multimodal&f=false>>

SOBRAL, Adail Ubirajara. **Dizer o mesmo aos outros: ensaios sobre tradução**. São Paulo: Special Book. Service Livraria, 2008.

\_\_\_\_\_. **Texto, discurso, gênero: alguns elementos teóricos e práticos**. Nonada (Porto Alegre), v. 1, p. 9-29, 2010.

SOTO, Pablo Cardellino. **Notas do Tradutor em uma tradução comentada e anotada de Casa Velha, de Machado de Assis, para o espanhol**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/178970/347998.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>.

SOUZA, José Pinheiro de. **Teorias da tradução: Uma visão integrada**. Revista de letras. Nº 20 vol. 1/2 jan/dez, 1998.

TORRES, Elisabeth Fatima, MAZZONI, Alberto Angel. e ALVES, João Bosco da Mota. **A acessibilidade à Informação no Espaço Digital.Ciência da Informação**. Brasília DF: 2002.

TORRES, Marie-Hélène C.. **Ensaio de Teoria e Prática de Tradução. A tradução na sala de aula**. Maria Alice Araújo Ferreira, Germana Henriques Pereira de Souza e Sabine Gorovitz (Org.), Brasília: Editora da UnB, 2014. 219 p. <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v2n34p294/28203>>.

XAVIER, André Nogueira. Uma ou duas? Eis a questão!: **Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**. Campinas,

2014. Disponível em:  
<[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/271137/1/Xavier\\_AndreNogueira\\_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/271137/1/Xavier_AndreNogueira_D.pdf)>.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos** / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre : Bookman, 2001. Disponível em:  
<[https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2014/02/yin-metodologia\\_da\\_pesquisa\\_estudo\\_de\\_caso\\_yin.pdf](https://saudeglobaldotorg1.files.wordpress.com/2014/02/yin-metodologia_da_pesquisa_estudo_de_caso_yin.pdf)>.

ZAVAGLIA, Adriana; RENARD, Carla M. C.; JANCZUR, Christine. **A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção**. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015. Disponível em:  
<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/8755/8639>>.

ZIPSER, Meta Elisabeth; POLCHLOPEK. Silvana Ayub. **Introdução aos estudos da tradução**. Florianópolis: UFSC, 2008.

ZIPSER, Meta Elisabeth; POLCHLOPEK. Silvana Ayub; COSTA, Maria José R. Damiani. **A tradução como ação comunicativa: A perspectiva do funcionalismo nos estudos da tradução**. Florianópolis CCE. UFSC, 2012.

## ANEXOS

### SISTEMA DE TRANSCRIÇÃO PARA A LIBRAS (FELIPE, 2005)

As línguas de sinais têm características próprias e por isso vem sendo utilizado mais o vídeo para sua reprodução à distância. Existem sistemas de convenções para escrevê-las, mas como geralmente eles exigem um período de estudo para serem aprendidos, neste livro, estamos utilizando um "**Sistema de notação em palavras**".

Este sistema, que vem sendo adotado por pesquisadores de línguas de sinais em outros países e aqui no Brasil, tem este nome porque as palavras de uma língua oral-auditiva são utilizadas para representar aproximadamente os sinais.

Assim, a LIBRAS será representada a partir das seguintes convenções:

1. Os sinais da LIBRAS, para efeito de simplificação, serão representados por itens lexicais da Língua Portuguesa (LP) em letras maiúsculas.

Exemplos: CASA, ESTUDAR, CRIANÇA, etc.;

2. Um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por hífen.

Exemplos: CORTAR-COM-FACA, QUERER-NÃO "não querer", MEIO-DIA, AINDA-NÃO, etc.;

3. Um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, que será representado por duas ou mais palavras, mas com a ideia de uma única coisa, serão separados pelo símbolo ^.

Exemplos: CAVALO^LISTRA "zebra";

4. A datilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, de localidades outras palavras que não possuem um sinal, está representada pela palavra separada, letra por letra por hífen.

Exemplos: J-O-Ã-O, A-N-E-S-T-E-S-I-A;

5. O sinal soletrado, ou seja, uma palavra da língua portuguesa que, por empréstimo, passou a pertencer à LIBRAS por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, está sendo representado pela datilologia do sinal em itálico.

Exemplos: *R-S* "reais", *A-C-H-O*, *QUM* "quem", *N-U-N-C-A*, etc.;

6. Na LIBRAS não há desinências para gêneros (masculino e feminino) e número (plural), o sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui estas marcas, está terminado com o símbolo @ para reforçar a ideia de ausência e não haver confusão.

Exemplos: AMIG@ "amiga(s) e amigo(s)", FRI@ "fria(s) e frio(s)", MUIT@ "muita(s) e muito(s)", TOD@, "toda(s) e todo(s)", EL@ "ela(s), ele(s)", ME@ "minha(s) e meu(s)" etc;

7. Os traços não-manuais: expressões facial e corporal, que são feitos simultaneamente com um sinal, estão representados acima do sinal ao qual está acrescentando alguma ideia, que pode ser em relação ao:

a) tipo de frase ou advérbio de modo: interrogativa ou... i ... negativa ou ... neg ... etc

Para simplificação, serão utilizados, para a representação de frases nas formas exclamativas e interrogativas, os sinais de pontuação utilizados na escrita das línguas oral-auditivas, ou seja: !, ? e ?!

b) advérbio de modo ou um intensificador: muito rapidamente exp.f(expressão facial) "espantado" etc;

	interrogativa	exclamativo	muito
Exemplos:	NOME	ADMIRAR	LONGE

8. Os verbos que possuem concordância de gênero (pessoa, coisa, animal), através de classificadores, estão representados tipo de classificador em subscrito.



Exemplos: pessoaANDAR, veículoANDAR, coisa-arredondadaCOLOCAR, etc;

9. Os verbos que possuem concordância de lugar ou número-pessoal, através do movimento direcionado, estão representados pela palavra correspondente com uma letra em subscrito que indicará:

a) a variável para o lugar:

- i = ponto próximo à 1ª pessoa,
- j = ponto próximo à 2ª pessoa,
- k = pontos próximos à 3ª pessoa,
- e = esquerda,
- d = direita;

b) as pessoas gramaticais:

- 1s, 2s, 3s = 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular;
- 1d, 2d, 3d = 1a, 2a e 3a pessoas do dual;
- 1p, 2p, 3p = 1a, 2a e 3a pessoas do plural;

Exemplos: 1s DAR2S "eu dou para "você",

2sPERGUNTAR3P "você pergunta para eles/elas",

kdANDARke "andar da direita (d) para à esquerda (e).

10. Às vezes há uma marca de plural pela repetição do sinal. Esta marca será representada por uma cruz no lado direito acima do sinal que está sendo repetido:

Exemplo: GAROTA +

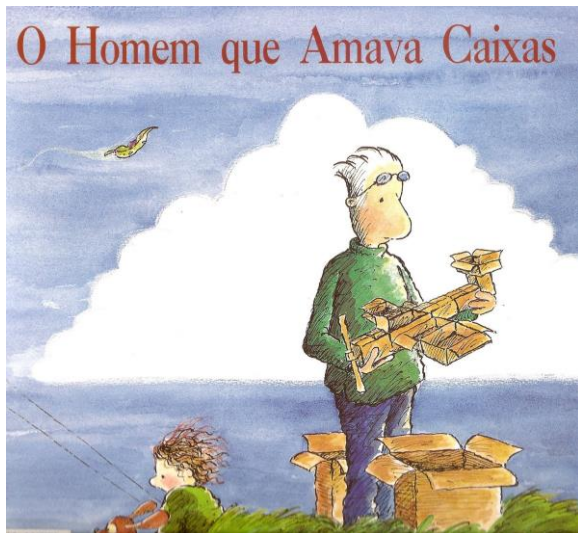
11. Quando um sinal, que geralmente é feito somente com uma das mãos, ou dois sinais estão sendo feitos pelas duas mãos simultaneamente, serão representados um abaixo do outro com indicação das mãos: direita (md) e esquerda (me),

Exemplos: IGUAL (md) PESSO@-MUIT@ANDAR (me)

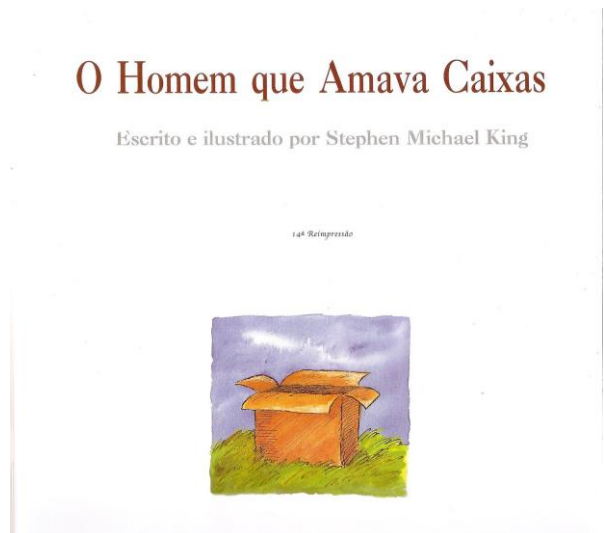
IGUAL (me) PESSOA-EM-PÉ (md)

Estas convenções vem sendo utilizadas para poder representar, linearmente, uma língua espaço-visual, que é tridimensional. Felipe (1988, 1991,1993,1994,1995,1996)

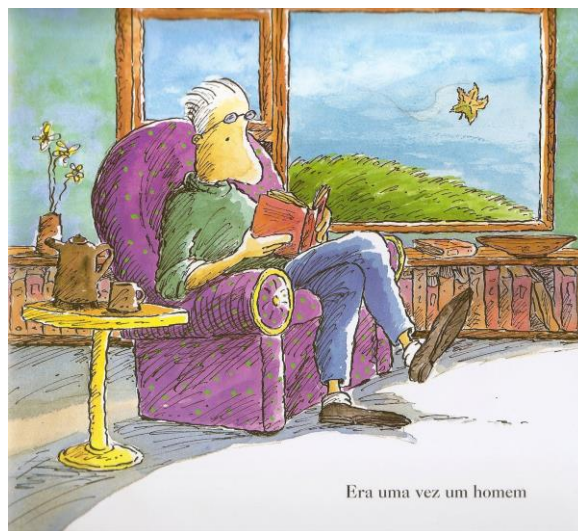
## LIVRO “O HOMEM QUE AMAVA CAIXAS”



Capa do livro



Contra Capa



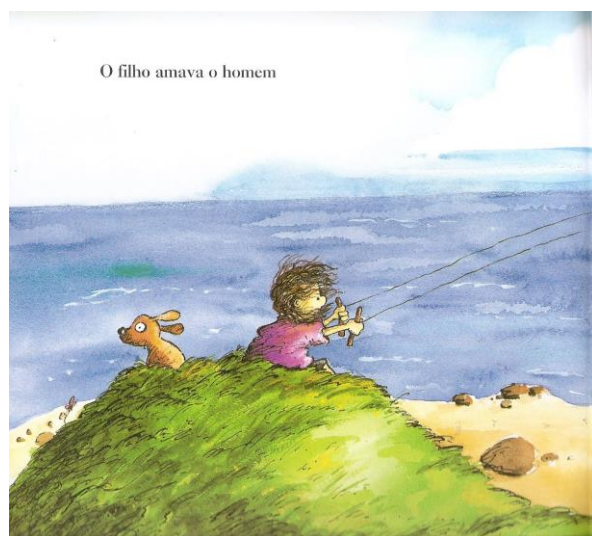
Página 1



**Página 2**



**Página 3**



**Página 4**



**Página 5**



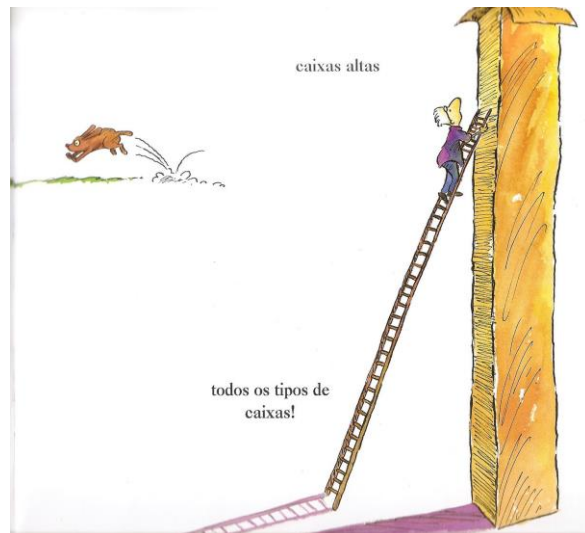
**Página 6**



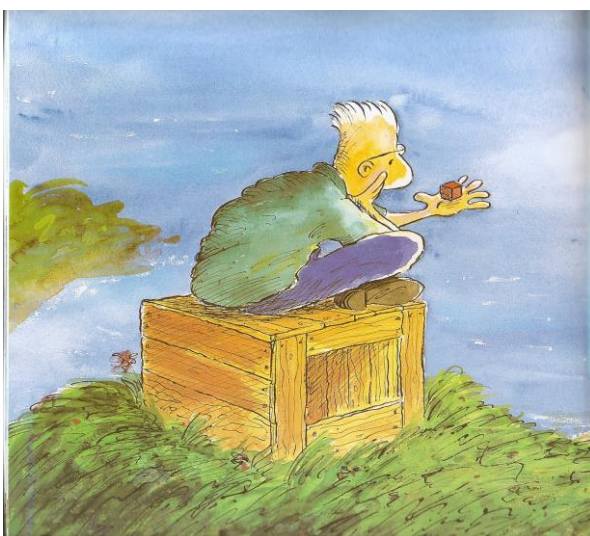
**Página 7**



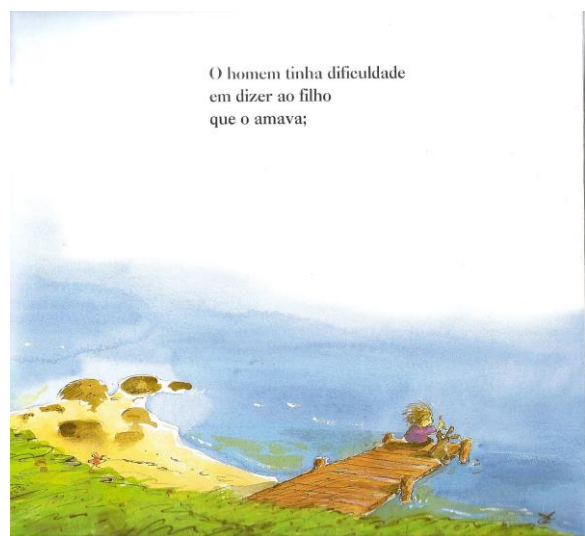
**Página 8**



**Página 9**



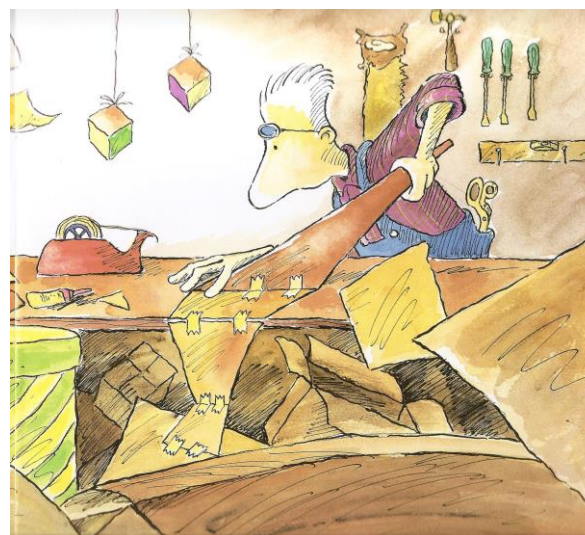
**Página 10**



**Página 11**

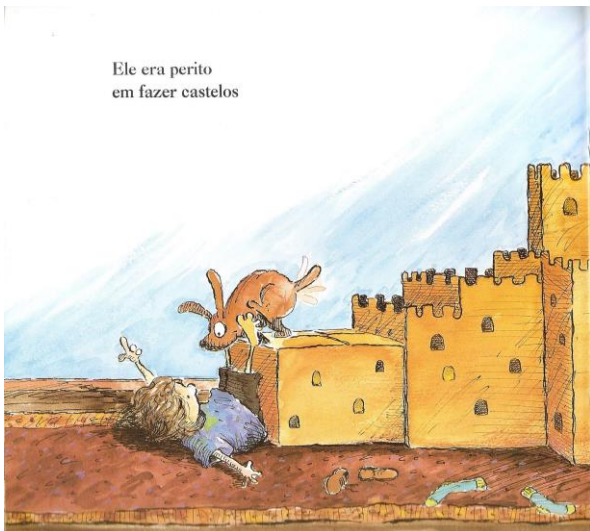


**Página 12**

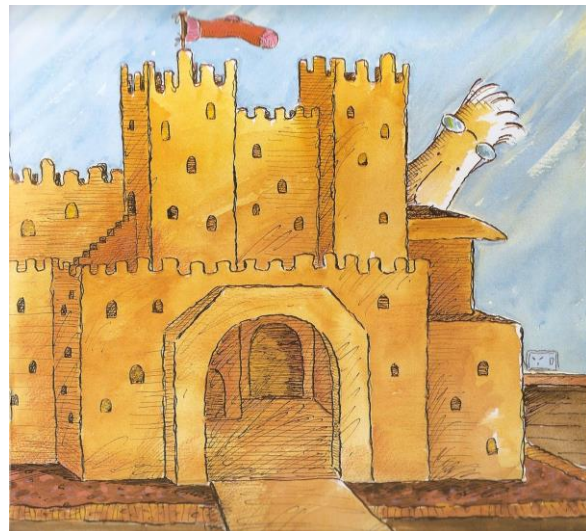


**Página 13**

Ele era perito  
em fazer castelos



**Página 14**

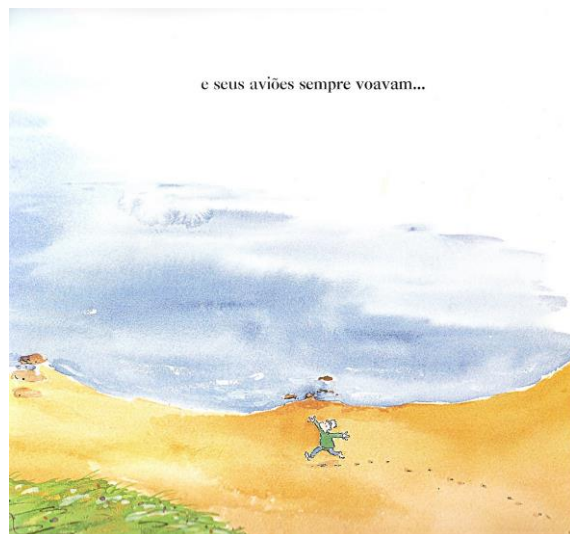


**Página 15**



**Página 16**

e seus aviões sempre voavam...

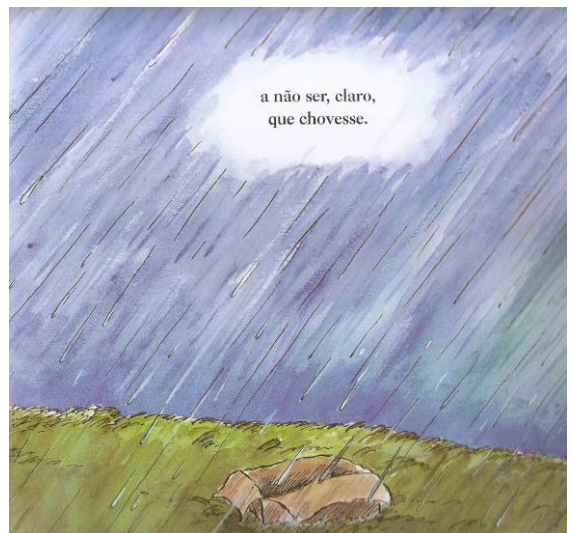


**Página 17**



**Página 18**

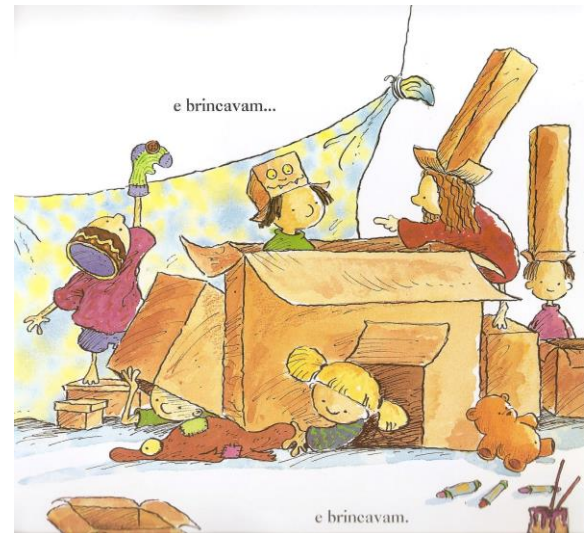
a não ser, claro,  
que chovesse.



**Página 19**



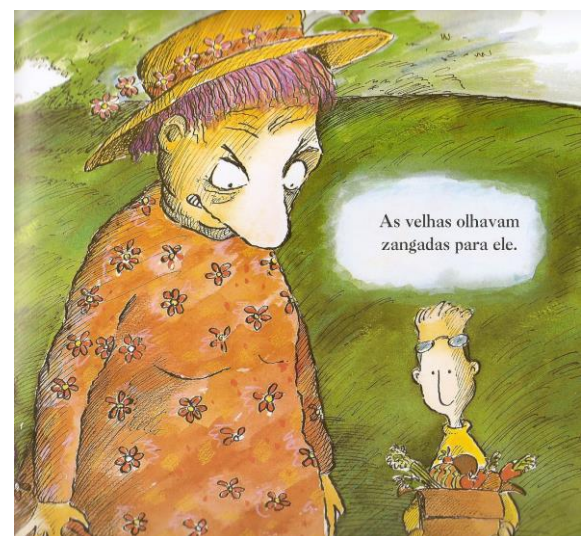
**Página 20**



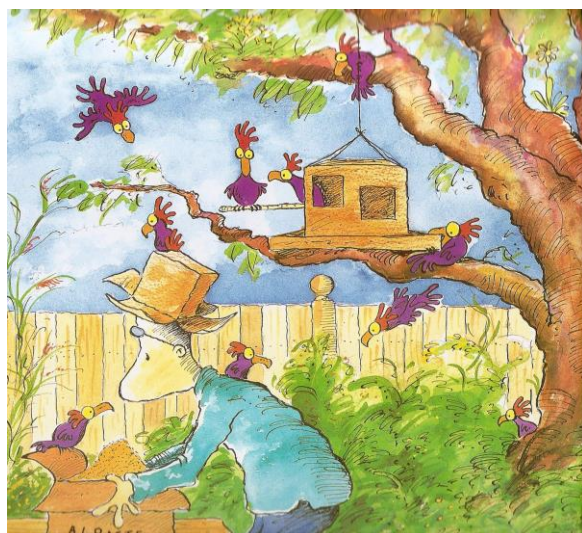
**Página 21**



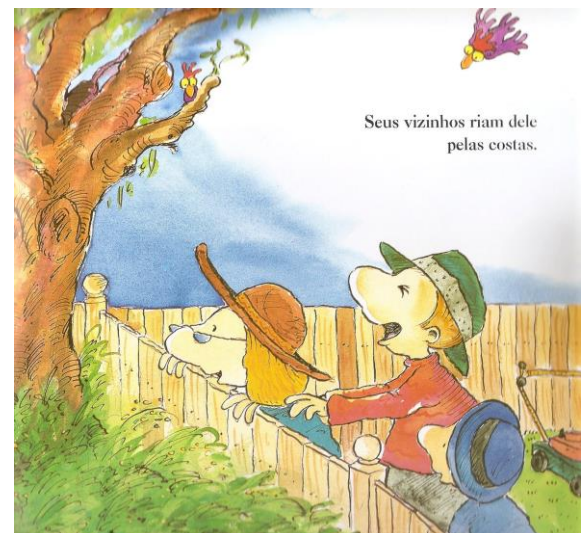
**Página 22**



**Página 23**



**Página 24**



**Página 25**

Mas nada disso preocupava o homem.



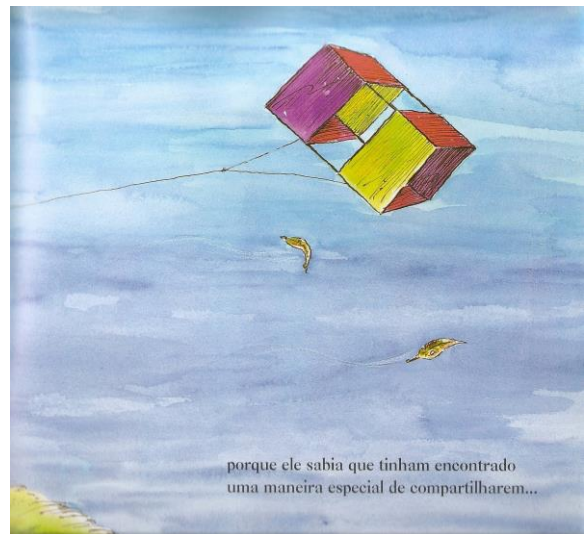
**Página 26**



**Página 27**



**Página 28**



porque ele sabia que tinham encontrado  
uma maneira especial de compartilharem...

**Página 29**



o amor de um pelo outro.

**Página 30**

## DIÁRIO DE TRADUÇÃO

Link do diário de tradução disponível em:

<https://drive.google.com/open?id=13KG4xgPQmPlZ3uuPv1YX0XOIQFw5IRex>





## Exemplo de visualização do diário de tradução

